

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

FABÍOLA MARIA GASPAR

ARTETERAPIA, A ARTE DE CUIDAR COM ARTE:
UM CAMINHO PARA O HUMANO EM SUA TOTALIDADE

São Leopoldo

2013

FABÍOLA MARIA GASPAR

ARTETERAPIA, A ARTE DE CUIDAR COM ARTE:
UM CAMINHO PARA O HUMANO EM SUA TOTALIDADE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Educação comunitária
com infância e juventude

Orientador: Iuri Andréas Reblin

São Leopoldo

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G249a Gaspar, Fabíola Maria
Arteterapia, a arte de cuidar com arte: um caminho
para o humano em sua totalidade / Fabíola Maria
Gaspar ; orientador Iuri Andréas Reblin. – São Leopoldo
: EST/PPG, 2013.
86 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Arte – Terapia. 2. Espiritualidade na arte. 3.
Criatividade. I. Reblin, Iuri Andréas. II. Título.

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador: 
PROF. DR. IURI ANDREAS REBLIN (PRESIDENTE)

2º Examinador: 
PROF.ª DR.ª KARIN HELLEN KEPLER WONDRAČEK (EST)

A todos aqueles que plantaram em mim o desejo de me firmar como um ser humano abrindo-se ao Divino.

AGRADECIMENTOS

*A Deus,
pelo dom da vida e por permitir esta trajetória;*

*À EST,
por se constituir em Instituição perita em humanidade e pelo acolhimento às
minhas pesquisas;*

*Aos meus professores,
que souberam despertar e fomentar meus talentos;*

*À equipe de professores e alunos do Núcleo de Arte e Educação (NAPE), pelo
apoio neste trabalho;*

*A todos os arteterapeutas,
que contribuíram com seus conhecimentos e experiências;*

*À minha família,
pelo apoio e compreensão durante minhas ausências, fundamentais no
cumprimento de mais esta etapa;*

*Um agradecimento especial ao meu orientador,
o teólogo Iuri Andréas Reblin,
uma referência que brilha no firmamento do saber, que me despertou os
sabores do conhecimento e que, com todo cuidado e paciência, me orientou
neste trabalho.*

RESUMO

Esta dissertação de mestrado trata de aspectos ligados ao Ser Humano, Artes, Educação, Criatividade, Saúde e Espiritualidade. O referencial teórico é baseado em autores representativos dessas áreas como Leonardo Boff, Jean Yves Leloup, Rubem Alves, Iuri Reblin, Carl Gustav Jung, Fritjot Capra, Ângela Philippini e Sonia Tommasi. Ao longo da pesquisa, percebeu-se que os referenciais dessas áreas ora caminham separadamente ora se encontram. A arteterapia é uma atividade terapêutica que vem amalgamar todas essas áreas, com a finalidade de promover o retorno do ser integral, em direção à sua sacralidade. Constatou-se que todas as criaturas têm o mais profundo desejo de retornar ao Criador e que a arte tem sido o instrumento, desde os tempos mais remotos, de comunicação do ser humano com o mundo a sua volta. Finalmente, este trabalho apresenta várias atividades práticas para mostrar como a arteterapia pode se constituir em valiosa ferramenta na abertura e consolidação de caminhos que permitam o encontro da totalidade a um número cada vez maior de pessoas.

Palavras-chave: Espiritualidade. Arteterapia. Criatividade. Totalidade.

ABSTRACT

This Master's dissertation deals with aspects tied to the Human Being, the Arts, Education, Creativity, Health and Spirituality. The theoretical referential is based on authors representing these areas such as Leonardo Boff, Jean Yves Leloup, Rubem Alves, Iuri Reblin, Carl Gustav Jung, Fritjot Capra, Ângela Philippini and Sonia Tommasi. Throughout the research one could perceive that the references of these areas sometimes walk separately and sometimes meet. And that Art Therapy is a therapeutic activity which amalgamates all of these areas with the goal of promoting the return of the whole being in the direction of its sacredness. It has been verified that all creatures have the deepest desire to return to the Creator and that art has been the instrument, from the remotest of times, of communication of the human being with the world around it. Finally, the paper presents various practical activities to show how Art Therapy can be constituted as a valuable tool in opening and consolidating paths which permit the encounter with the totality for an increasing number of people.

Keywords: Spirituality. Art Therapy. Creativity. Totality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 DESENVOLVIMENTO NA PERSPECTIVA INTEGRAL: DIMENSÕES DO SER HUMANO E A TAREFA DO ARTETERAPEUTA	15
1.1 O retorno do ser humano à sua inteireza	15
1.2 A dádiva do servir	19
1.3 A espiritualidade: um olhar sobre o que é invisível aos olhos	21
1.3.1 A espiritualidade na arte	23
1.3.2 Arteterapia como possibilidade de reencontrar o que é Sagrado	24
1.4 O planeta: incubadora, gestação do futuro	26
1.4.1 Reciclando: praticando o cuidar do ambiente	27
1.4.2 Recuperação da visão da totalidade	27
1.5 Arteterapeuta: o humano cuidador	28
1.6 O processo de ensino e aprendizagem na totalidade do ser humano	32
2 FUNDAMENTOS DA ARTETERAPIA: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS	37
2.1 A Arte como recurso terapêutico	37
2.2 Breve Histórico da Arteterapia	38
2.2.1 Algumas notas sobre os primeiros trabalhos em Arte em Terapia	38
2.2.2 Início dos trabalhos de Arte como terapia no Brasil	40
2.2.3 Os primeiros trabalhos de Arteterapia	41
2.3 Concepção e benefícios da Arteterapia	42
2.3.1 Concepção de Arteterapia	42
2.3.2 Benefícios da Arteterapia	43
2.4 Criatividade: expressão e desenvolvimento	45
2.4.1 A complexidade da criatividade	45
2.4.2 Criar como forma de expressão	46
2.4.3 O criar no “território sagrado”	47
2.4.4 O poder criativo	48
2.4.5 Criatividade em arteterapia	49
2.4.6 Criatividade para transformar e evoluir	51
2.5 As imagens e o processo terapêutico	51

2.5.1 O fazer criador e as imagens.....	51
2.5.2 As imagens nas terapias expressivas.....	53
2.5.3 As terapias expressivas na psiquiatria.....	55
2.6 Símbolos.....	56
2.6.1 O que são símbolos?.....	56
2.6.2 Os símbolos e o processo arteterapêutico.....	58
3 A ARTETERAPIA EM EXERCÍCIO: PROPOSTAS E A PRÁTICAS.....	61
3.1 Os potenciais dos recursos materiais no processo arteterapêutico.....	62
3.2 Atividades práticas.....	63
3.2.1ª atividade: Gênese: o ser humano como co-criador da vida.....	63
3.2.1.1 <i>Atividade 1.1</i>	64
3.2.1.2 <i>Atividade 1.2</i>	65
3.2.1.3 <i>Atividade 1.3</i>	65
3.2.1.4 <i>Atividade 1.4</i>	67
3.2.1.5 <i>Atividade 1.5</i>	68
3.2.1.6 <i>Atividade 1.6</i>	70
3.2.2 2ª atividade: Criação do Homem e da Mulher.....	72
3.2.3 3ª atividade: Phoenix – representação do pássaro de fogo.....	74
3.2.4 4ª atividade: Renascimento – mamífero voador (terra e céu integrados).....	75
3.2.5 5ª Atividade: Tempo – do tempo do relógio ao tempo da alma.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	83

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, “Arteterapia, a arte de cuidar com arte: um caminho para o humano em sua totalidade”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia, discute a importância da arteterapia não apenas como um recurso terapêutico para o cuidado individual, mas, entrelaçando-se com fundamentos teológicos, amplia essa perspectiva individual para o cuidado com outro e com o planeta, de forma a se aproximar dos conceitos contemporâneos de transcendentalidade e holismo. Logo, a premissa que permeia este trabalho é a percepção de uma relação intrínseca entre arteterapia e teologia, entendendo a teologia como uma atividade inerente à vida humana, em sua busca incessante por um sentido e pela restauração de uma unidade original, integral, perdida, como afirmado por Rubem Alves. Tanto a arteterapia quanto a teologia lidam com a questão da existência, da busca pelo sentido e de uma harmonia de cada parte com um todo e de um todo com cada parte, utilizando como expressão imagens, símbolos, experiências, a arte e, num sentido amplo, a cultura como um todo. Partindo desse princípio relacional, em termos de problematização, esta pesquisa procura responder de que maneira a arteterapia pode contribuir com o processo humano de situar-se no mundo e com o mundo a sua volta, assim como se esse procedimento disponibiliza instrumentos para o desenvolvimento humano, despertando sua consciência para suas múltiplas dimensões, entendendo-se o seu afastamento da espiritualidade e a conseqüente fragmentação verificada nas sociedades atuais.

Os estudos partiram de algumas hipóteses previamente levantadas com base na leitura de diferentes autores, apresentados e discutidos nos capítulos um e dois. A sistematização desse referencial teórico, aqui proposta, conduziu à verificação de algumas variáveis, entre elas a de que a habilidade de cuidar possibilita uma generosa e fraterna arte de resgate e continuação do melhor espiritual humano que habita em nós, tendo em vista que o cuidar parece ser um refinamento e um dos propósitos da vida, mas que só se concretiza se entendido na perspectiva de transcendência ou de um projeto do Criador. Seria, então, a arteterapia capaz de promover os aspectos criadores como fatores de saúde e de

transformações dos estados conflituosos, visando transformar energias destrutivas em construtivas, a ponto de assumir desafios e responsabilidades para a construção de um mundo mais justo por meio da arte e da espiritualidade?

A importância do presente estudo advém das condições atuais de vida com suas múltiplas exigências. Observa-se um desenvolvimento desenfreado das tecnologias, a absurda corrida contra o tempo, o distanciamento dos seres e processos cada vez mais desagregadores de nossa sociedade, que robotiza o ser humano tal qual um objeto. O ser humano está gradativamente perdendo contato com sua vida interior, com seus sentimentos, seus princípios e suas reais necessidades. Perante este quadro, tornam-se necessárias mudanças civilizatórias urgentes que abracem o indivíduo como um ser que necessita e deve ser cuidado em seus diferentes aspectos: físico, mental, emocional e espiritual. Entende-se que os níveis de solidariedade decaíram a patamares tanto que necessitam ser revertidos em atitudes de cuidados que instaurem gentileza, suavidade e respeito e, para tanto, a habilidade do cuidar-se e cuidar tem que ampliar os instrumentos que toquem o ser em conformidade com a sua totalidade.

Diante dessas hipóteses e justificativas, levantaram-se os objetivos geral e específicos, de forma a conduzir a sistematização do referencial teórico e a proposta de um fazer arteterapêutico, conforme se verifica no capítulo três. Assim, o Objetivo Geral desta dissertação é verificar se a arteterapia pode se constituir em instrumento facilitador para o desenvolvimento pessoal e transpessoal. Para atingir esse patamar, trilhou-se uma caminhada por alguns objetivos específicos, a saber: verificar as possibilidades do processo criativo, no desenvolver humano, para a transformação e evolução do indivíduo integrado à totalidade; contribuir para o entendimento do inter-relacionamento do indivíduo em suas relações consigo mesmo, com o outro e com o planeta e compreender o estado da formação contemporânea do arteterapeuta transdisciplinar.

Por tratar-se de tema amplo e que não se esgota nesta dissertação, propõe-se um recorte teórico centrado em alguns dos autores contemporâneos mais representativos, em língua portuguesa, dos temas aqui abordados. Assim, dos campos da Religião, da Espiritualidade e da Transcendentalidade, os autores pesquisados e discutidos são Edgard Morin, Fritjot Capra, Iuri Andréas Reblin, Jean-

Yves Leloup, Leonardo Boff, Maria Glória Dittrich e Pierre Weil. Bases da Psicologia são referenciadas com Carl Gustav Jung, Donald Winnicott e Jean Chevalier e Alain Gheerbrant. Do campo da Educação, as principais representações são as de Paulo Freire e Rubem Alves. Já no que se refere à arteterapia e à Criatividade, a revisão bibliográfica ficou centrada em Ângela Philippini, Cristina Alessandrini, Faiga Ostrower, Irene Gaeta Arcuri, Liomar Andrade, Patrícia Pinna Bernardo, Regina Chiesa, Rodolfo Berg e Sonia Tommasi.

Como se depreende do até aqui apresentado, a pesquisa que originou esta dissertação é qualitativa, de caráter bibliográfico, uma vez que não houve observação e/ou intervenção em trabalhos de campo, mas, a pesquisa é complementada no terceiro capítulo, quando se aborda propostas e atividades práticas em arteterapia, com a trajetória e a prática desta pesquisadora nas áreas da Psicologia, da Transdisciplinaridade e da Arteterapia.

Em termos estruturais, o primeiro capítulo desta dissertação se propõe a uma leitura e interpretação de temas ligados à espiritualidade, sempre no sentido daqueles que tratam da inteireza do ser humano e da sua religiosidade, já tratando do **cuidar** como uma prática ancestral da espécie humana. O segundo capítulo traz os registros históricos da arteterapia, desde o seu surgimento na Europa até sua chegada ao Brasil, assim como aborda os fundamentos dessa prática terapêutica por meio da arte. E, por tratar de arte, trata de criatividade, aqui não apenas como a descoberta de algo novo, mas da criatividade no território do sagrado, o que pede a discussão das imagens e dos símbolos no processo terapêutico. Finalmente, o terceiro capítulo propõe uma série de procedimentos arteterapêuticos, frutos de suas pesquisas e práticas profissionais, mostrando como esta prática pode se constituir em instrumento facilitador para o desenvolvimento pessoal e transpessoal, no sentido do cuidar de si, cuidar do outro e cuidar do planeta, numa visão de inteireza que leve ao Criador.

O leitor está agora convidado a fazer um percurso por estes três capítulos. Ao final, queremos dividir com cada um o resultado de nossas observações, sempre na expectativa de que as transformações já observadas possam ser amplificadas para todos. Boa leitura!

1 DESENVOLVIMENTO NA PERSPECTIVA INTEGRAL: DIMENSÕES DO SER HUMANO E A TAREFA DO ARTETERAPEUTA

Para compreender os efeitos da arte no ser humano, é necessário e importante inicialmente entender que ser humano é este. Partindo do pressuposto de que os aspectos físicos, emocionais, mentais e espirituais do indivíduo estão vinculados e inseridos uns aos outros, em uma verdadeira fusão, apresentam-se, neste primeiro capítulo, reflexões sobre a necessidade do ser humano retornar à sua plenitude, resgatando a sua espiritualidade, muitas vezes "adormecida" ou mesmo esquecida na atual sociedade consumista. Pontua-se ainda a arte como um instrumento riquíssimo para compreender o ser humano na sua totalidade, já que a Arte pode favorecê-lo a se apropriar de quem é, conseqüentemente elevando a alma e o aproximando do Criador. Como estes conceitos são, depois, ligados ao processo arteterapêutico, aborda-se, também, os aspectos interdisciplinares da Educação, tomando-se como base os estudos presentes na obra de Rubem Alves.

1.1 O retorno do ser humano à sua inteireza

A natureza básica do ser humano aponta para a perfeição, para a inteireza, já que, segundo conhecimento bíblico, somos imagem e semelhança de Deus. Além disso, todo o universo tende à santidade, ou seja, ao saudável. Weil, em suas pesquisas sobre o sânscrito, relata que sempre se impressionou com a semelhança entre sanidade (saúde) e santidade. A diferença é apenas de um t". Para Weil, "saúde seria o estado sagrado".¹

Toda atuação humana que não coincide com essa lógica traz um caráter desarmônico que gera conseqüências não apenas para a humanidade, mas para todo o universo já que tudo e todos estão vinculados. O protagonismo, o participar da vida como integrante de tudo que existe é libertador porque traz de volta a santidade, a saúde em todos os níveis, seja no corpo, na alma e no espírito. A saúde e o bem-estar dependem dessa ótica e do reconhecimento da dependência mútua entre todos os seres vivos.

¹ WEIL, Pierre, Sanidade e santidade. In: LIMA, Lise Mary A. (Org.). *O espírito na saúde*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 30.

Fritjhof Capra destaca essa mudança de paradigma, de um mundo mecanicista para uma visão holística, “[...] que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas”.²

De acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Elas surgem das interações e das relações entre as partes. Essas propriedades são destruídas quando o sistema é dissecado, física ou teoricamente, em elementos isolados. Embora possamos discernir partes individuais em qualquer sistema, essas partes não são isoladas, e a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes.³

Nessa direção, vale ressaltar que todos os níveis de doença, tanto física, quanto emocional e espiritual, apontam para as distorções na forma como tem sido buscado inutilmente o bem-estar, com métodos que levam a pessoa cada vez mais longe do seu alvo original de obter vida e saúde. O “egoísmo” traduz muito bem a busca cada vez maior de viver a dimensão individual (do ego) em detrimento de viver a totalidade, que representa a verdadeira harmonia, a vivência humana com o todo da criação.

Pensando de uma maneira desarmônica para com a natureza, o ser humano tem “errado o alvo”, distanciando-se do alvo original, que seria simplesmente encaixar-se no plano de Deus. As coisas criadas por suas próprias mãos, “à sua imagem e semelhança”, tal como a tecnologia, têm sido prioridade, em detrimento da natureza, devido ao apego que tem ao seu próprio ego, seu bem-estar, e ao conforto tão desejado, em nome do qual não se tem aberto mão minimamente para respeitar toda a vida. Somente quando houver o respeito para todos e para tudo que foi criado pelo Criador, o ser humano caminhará para o saudável, para a inteireza. Sendo imagem e semelhança de Deus, Aquele que cuida, o ser humano também tem o papel de cuidador da criação, tanto do material, do humano (o outro) e do espiritual.

“O homem passou a preocupar-se cada vez mais com os problemas terrenos, valorizando a existência individual e buscavam nas proporções do corpo

² CAPRA, Frithjot. *A Teia da Vida: uma compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 25.

³ CAPRA, 1997, p. 40-41.

humano os parâmetros de uma nova ordem universal”.⁴ O ser humano espiritual, social, emocional e racional chega ao momento presente distante da sua essência perfeita, em crise profunda de valores, descompromissado de ética e extremamente confuso sobre sua origem e sua necessidade de retornar às bases. É necessário vivenciar a humildade de ser tão importante quanto os outros seres vivos com modéstia e submissão. A submissão, por sua vez é aceitar uma condição de dependência. Interdependência revela a necessidade de parar de discriminar os seres vivos e simplesmente entender que cada um é essencial, independente da ordem simplicidade ou complexidade que se apresente. “Cada criatura [...] é apenas uma gradação padronizada [...] de um grande todo harmonioso”.⁵

Com o entendimento exato desse momento, é possível surgir um movimento para enxergar o que seria da natureza humana, mas que por ser tão natural saiu do campo de visão da humanidade, a qual está desejando ver seu bem-estar dissociado dos demais seres da criação. É necessário repensar os valores e em vez da subjugação da natureza, entender a dependência em relação a ela, pagando o preço da perda do conforto e investindo em amor, em proteção e em atitudes de colaboração, respeito e parceria com todos os seres.

Isto sabemos.
 Todas as coisas estão ligadas
 Como o sangue
 Que une uma família...
 Tudo o que acontece com a Terra,
 Acontece como os filhos e filhas da Terra
 O homem não tece a teia da vida;
 Ele é apenas um fio
 Tudo o que faz à teia,
 Ele faz a si mesmo.⁶

Nossa responsabilidade com a saúde é o entendimento de que todas as coisas estão interligadas, seja no campo físico, emocional e espiritual. Tratar de um aspecto da vida, mesmo daquilo que não está aparentemente relacionado à saúde, é trabalhar em prol do bem-estar de todos, da saúde e da paz.

⁴ BERNARDO, Patrícia Pinna. Arteterapia: a arte a serviço da vida e da cura de todas as nossas relações. In: ARCURI, Irene Gaeta (Org.). *Arteterapia: um novo campo do conhecimento*. São Paulo: Vetor, 2006. p. 76.

⁵ CAPRA, 1997, p. 35.

⁶ PERRY *apud* CAPRA, 1997, p. 9.

Hoje vemos os sintomas da depressão, ansiedade, raiva, ódio, vingança, violência. O mal-estar é tão grande que é possível ver movimentos isolados e outros nem tanto, na tentativa de retornar parcialmente à origem, comendo alimentos sem agrotóxicos e vivendo mais próximo de ambientes com natureza; porém, mesmo assim, a necessidade de mudanças mais firmes e constantes é urgente, pois os aparentes pequenos progressos têm funcionado para alguns indivíduos, mas não têm garantido a sobrevivência de todos. Pensando assim, entendemos porque tantas pessoas têm sentido um enorme vazio, ao qual nada pode dar significado, enquanto não integra as partes de si mesmo (corpo, alma, espírito), dando sentido à vida. “De onde vim?” “Para onde vou?” “Qual o sentido da vida?” Todas essas e outras perguntas povoam a mente do ser humano que precisa saber “Quem é?”. Jung afirmava que:

De todos os seres da natureza, o humano é o único que se pergunta sobre a sua própria identidade. É que à humanidade, nascida há milênios na noite do passado, coube o destino original de re-conhecer, a si mesma e ao mundo, a tarefa de emergir progressivamente do paraíso da inconsciência para a contínua elaboração da consciência, sendo esta o espelho que tudo reflete.⁷

Nós vemos com nossos olhos, sentimos com o nosso coração, agimos de acordo com nossos preceitos e preconceitos, nossas atitudes refletem quem somos, no nosso meio como um espelho, às vezes mais nítido, às vezes mais embaçado. A esperança de relacionamentos saudáveis e reconfortantes, que devolvam a esperança do sentido de existência, muitas vezes, estabelece-se quando pessoas treinadas para tal podem prestar apoio, ou seja, quando, diante de um “olhar do coração”, em ambiente terapêutico, pode-se sentir “aceito”, amado sem julgamentos, tendo novamente possibilidade de confiar no outro (terapeuta) e poder haver entrega, cuidado, possibilitando um caminho para a cura integral. Na verdade, todo relacionamento deveria ser naturalmente terapêutico, um projeto a ser empreendido por todos, mas diante da parcialidade desse projeto, este hoje tem sido exercido por aqueles que, instruídos de forma acadêmica ou não, têm entendido essa responsabilidade.

⁷ TARDAN-MASQUELIER, Ysé. *JUNG, C. G.: a sacralidade da experiência interior*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 5.

1.2 A dádiva do servir

Ser cuidado introduz o ser humano em toda sua dimensão de humanidade, pois está comprovado que sem cuidado não é possível sobreviver física e emocionalmente.

Servir o outro é como servir a si mesmo, uma vez que a saúde do próximo inclui a de todo ser humano. Quem cuida assiste a seu próprio desenvolvimento acontecendo em outro ser e, se tiver plena consciência, pode partilhar de intensa alegria. Boff enfatiza que “cuidar do outro é zelar para que esta dialogação, esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e de amorização”.⁸

Servir e cuidar das pessoas que estão em volta gera um ciclo de cuidado e bem-estar que cresce, se desenvolve e retorna em forma de segurança e equilíbrio do qual poderá desfrutar o próprio cuidador. O movimento consciente para o bem servir reflete em todos, e por intermédio de todos para o universo, propiciando bênçãos que possibilitam encontros e reencontros, curas e despertar de consciências pessoais e coletivas. Boff afirma:

O cuidado surge quando a existência de alguém tem importância pra mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida. Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. [...] “cura d’ almas”.⁹

Essa relação dual de dar e receber, no entanto, deve ser espontânea, influenciada pelo simples desejo de servir. Quando alguém quer o retorno do que doou, na realidade está emprestando, ou seja, cobrando um retorno, seja de sentimentos ou de atitudes. Quando se oferece amor querendo amor em troca, ajudar para ser ajudado, nestes casos não há entrega e nem doação; nesse momento ocorrem as doenças e sentimentos doentios como raiva, sentimento de injustiça, entre outros. Morin. Ressalta:

Se o mal que sofremos e fazemos sofrer reside na incompreensão do outro, na autojustificação, na mentira a si próprio (self deception), então o caminho da ética – e é aí que introduzirei a sabedoria – reside no esforço da

⁸ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 139.

⁹ BOFF, 2011, p. 91.

compreensão e não na condenação, no auto-exame que comporta a autocrítica e que se esforça em reconhecer a mentira para si próprio.¹⁰

É necessário saber que é possível oferecer, saber que todo ser humano tem um potencial a ser desenvolvido, de que possui um lugar no mundo e que é importante no mundo, apesar de todas as limitações exteriores (econômicas, culturais, sociais) e interiores (baixa autoestima) que possam estar diante de si. Aqui vale ressaltar que estamos vivenciando uma alteração no cenário mundial, onde as instituições humanas, sobretudo aquelas que outrora eram consideradas como vitais, “sagradas” (família, por exemplo) encontram-se de muitas formas distorcidas na questão de oferecer sem o desejo de receber nada em troca. Só resta ter atitudes coerentes com as nossas reais necessidades.

“O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação”.¹¹ O cuidado representa o ser na sua essência, traduzindo a própria condição humana de dependência mútua. Ser cuidado e cuidar é fundamental para a cura das emoções, mostra que o indivíduo que está sendo tratado é importante e é parte integrante de tudo, por isso é necessário. Em outras palavras, ser cuidado e cuidar põe o ser humano em foco, faz-lhe repensar a importância da própria existência. Uma pessoa que não se importa consigo mesma, não preserva os outros e também a nenhum ser vivo, acarreta violência e destruição. Boff assevera:

Hoje, na crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Suas ressonâncias negativas se mostram pela má qualidade de vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exaltação exacerbada da violência.¹²

Restaurar a comunicação e vencer o medo de conviver, mesmo que envolva riscos pessoais, tais como não ser integralmente aceito, repercute de forma saudável em tudo que existe. Hoje vemos que máquinas e instrumentos têm sido usados como intermediários à comunicação, devido ao medo de entrega afetiva.

¹⁰ MORIN, Edgar. *Amor poesia sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 67.

¹¹ BOFF, 2011, p. 33.

¹² BOFF, 2011, p. 191.

Na era da informática, tem sido extremamente mais fácil utilizar subterfúgios que imitem as verdadeiras formas de contato e comunicação, mas essa estratégia não tem dado certo, na medida em que a dor emocional e os sintomas de vivências vazias e sem sentido denunciam que algo vai muito mal em termos de verdadeiros relacionamentos, que supram não apenas de palavras, mas de afeto.

É fundamental sentir amor a si próprio, ao outro e a que a tudo que tem a mão do Criador. “Tudo inicia no Uno, multiplica-se nos versos, e de novo se encaminha para o Uno. Tudo nasce de um mesmo Amor, se multiplica em muitos amores e finalmente se reúne de novo no mesmo Amor”.¹³

1.3 A espiritualidade: um olhar sobre o que é invisível aos olhos

Antes de refletir sobre a espiritualidade como um olhar sobre o que é invisível aos olhos, é necessário refletir sobre que espiritualidade é essa foco desse estudo. A espiritualidade, ao contrário do que se retrata comumente, não está restrita aos templos religiosos, às “pessoas escolhidas”, mas está presente no cotidiano com toda a sua complexidade, em toda relação da vida. Segundo Dittrich, “a espiritualidade é uma maneira de ser diante do amor ou da dor nos acontecimentos nas relações multidiversas do ser humano”.¹⁴

O ser humano, tendo consciência ou não, a espiritualidade é natural, inerente a todas as pessoas, está presente em todas as relações, seja na comunicação do ser humano com outro ser humano, do ser humano com a natureza, no contato com os animais e plantas, inclusive na relação com aquilo que é inanimado como a terra, as pedras e os objetos. O respeito para com tudo e todos, seja visível ou invisível, é uma manifestação da espiritualidade. Dittrich ressalta sobre a espiritualidade:

Ela emerge como uma dinâmica natural da essência sagrada do ser da pessoa, que se mostra, consciente ou inconscientemente, como um ser – mundo em busca de saciar a necessidade do desejo de sentido, para um viver pautado no amor e no respeito a si próprio, ao outro, ao natural e ao Transcendente – Fundamento último do Ser – Deus.¹⁵

¹³ TARDAN-MASQUELIER, 1994, p. 7.

¹⁴ DITTRICH, M. G. O ser humano e a espiritualidade. In: TOMMASI, Sonia Bufarah (Org.). *Pensando a Arteterapia com arte, ciência e espiritualidade*. São Paulo: Vetor, 2012. p. 196.

¹⁵ DITTRICH, 2012, p. 196.

O ser humano realmente realizado é capaz de ver além daquilo que os olhos do corpo mostram. Ninguém pode dizer que está pleno quando tem conquistas e sonhos palpáveis, sabendo que podem ser destruídos, exterminados, a qualquer momento.

Segundo Ferreira [...], espiritual se refere a tudo aquilo que é incorpóreo; a parte imaterial do ser humano, aquilo que objetivamente não é passível de se tornar matéria; são as impressões e os acontecimentos subjetivos, algo de natureza não concreta. Do espírito humano ou alma, não das coisas físicas. De Deus, divino. Casa espiritual de alguém, lugar onde um é ou pensa que pode ser mais feliz.¹⁶

A espiritualidade se dá em meio ao impalpável e inexplicável, é apenas vivida, experimentada. Está na ordem das “coincidências” e do “sobrenatural”, que nada mais são que manifestações apenas invisíveis aos olhos físicos, mas que ocorrem naturalmente, sutilmente, que podem simplesmente serem sentidas, sem ser vistas a olho nu. O indivíduo, segundo Dittrich

[...] está vivendo uma existência marcada por crises diante de profundas mudanças que estão ocorrendo nos padrões sociais, ecológicos e culturais em âmbito local e global. Essas mudanças demandam elaborar novas maneiras de ser, de saber, de agir e de conviver.¹⁷

A realização integral vem de percebermos o que faz sentido para nós quando realizamos algo, pois nosso espaço na vida pode ser revelado pelos talentos dos quais fomos dotados para servir a todos os seres vivos, integrando o todo e sentindo que estamos realizados individualmente, colaborando conjuntamente. A individualidade serve à coletividade, na medida em que os talentos pessoais vão compondo um conjunto de diferenças que levam ao resultado final: a semelhança entre as diferenças. Assim é composto todo o universo e o ser humano tem vocação para essa arte de conjugar tudo que é diferente em um único cenário que forme um conjunto, harmônico e perfeito. Dittrich, em relação ao sentido da vida, destaca que

[...] o ser humano vem despertando como uma pessoa que se descobre com uma necessidade intrínseca – a vontade de sentido, sobretudo, a vivência da busca do sentido do viver, que nasce a partir de sua maneira profunda de ser – a sua espiritualidade, manifestação autêntica, natural, de

¹⁶ FERREIRA *apud* WOSIACK, Raquel Maria Rossi e PARABONI, Josiane. Arteterapia potencializando o desenvolvimento espiritual. In: TOMMASI, Sonia Bufarah (Org.). *Pensando a Arteterapia com arte, ciência e espiritualidade*. São Paulo: Vetor, 2013. p. 80 e 81.

¹⁷ DITTRICH, 2012, p. 197.

respeito e de amor da pessoa consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com Deus – causalidade ultimidade do ser.¹⁸

O que parece um rebaixamento do ser humano seria na verdade sua própria honra, pois no momento em que aceita sua vocação, o ser humano torna-se “co-criador”, ou seja, criador juntamente com o Criador. Somos naturalmente dotados da capacidade de vivenciar a nossa espiritualidade. Basta que estejamos inclinados para ouvir nossa voz interior, a qual nos inclinará para determinados caminhos de realização e unidade. É necessário menos imediatismo, pois hoje o que se vê são prazeres, mas amanhã, num futuro bem próximo, alcançará a humanidade as marcas da agressividade para com a natureza e nem mesmo todo o aparente poder subsistirá. Quando existe a compreensão de que todos os atos humanos, por menores que pareçam, integram uma realidade espiritual, entendemos que podemos ver, inclusive através de tudo e de todos, o que é sagrado.

1.3.1 A espiritualidade na arte

A arte é atemporal, simbólica, perfeita em sua manifestação (não no que tange à dimensão estética apenas) e abrangente em sua capacidade de “falar” sem palavras, incorporando mensagens abrigadas na alma. Os símbolos podem ser revelados de diversas maneiras, inclusive através da arte. Eles também mostram a dimensão espiritual, ou seja, que tudo parte de algo infinitamente maior e mais complexo que a individualidade. Alessandrini ressalta:

A linguagem da arte é a imagem, símbolo do mundo sentido e vivenciado sensorialmente: é sinal e som, é cheiro e sabor, é toque. É mágica pura que torna consciente a totalidade da dimensão espiritual do viver o Ser em contato com a Natureza. É ritmo que, em suas diferentes manifestações, constrói um corpo de conhecimento: imagem arquetípica e simbolicamente conectada com a Natureza da alma.¹⁹

No meio de tantas crises, sejam existenciais, de ideias e ideais, seja na dificuldade de relacionamento familiar ou no meio social, seja profissional ou financeira, o ser humano busca de diferentes maneiras encontrar uma saída para amenizar seu desconforto. Tommasi realça que

¹⁸ DITTRICH, 2012, p. 209.

¹⁹ ALLESSANDRINI, Cristina Dias. A Criatividade na Educação para a Paz. *Arte-Terapia*, São Paulo, v. 2, n. 2, 1998. p. 33.

[...] a busca por novas metodologias para o tratamento da saúde física, mental e moral conduz profissionais de vários setores e segmentos para o reencontro com a expressão artística. Por meio das linguagens da arte a psique individual e coletiva busca o equilíbrio e a harmonia para restabelecer o *religare*.²⁰

A arte trabalha no sentido de não permitir que o elemento diabólico, aquilo que se divide e fragmenta, seja predominante, pois organiza a mente, equilibrando-a com o elemento simbólico, aquele que une e religa. Ver a produção artística de uma pessoa é poder ler esse indivíduo, já que através da arte o indivíduo retrata o que sente, pensa, acredita, acolhe, teme, indo além da simples aparência do olhar ingênuo, na manifestação do sagrado e no emergir do que há de mais saudável na alma, naquele momento e contexto. Mesmo que apareçam elementos pouco harmônicos, aparentemente, o que se dá no momento é a tentativa de exatidão e equilíbrio, que muitas vezes encontra também seu caminho através do caótico, do elemento organizador e finalmente da organização cada vez mais aparente. O segredo está no fato de que tudo que se pode saber sobre o ser humano vem da mesma fonte, que é sua mente capaz de alcançar ao mesmo tempo o que é aparentemente apenas natural e também o que é aparentemente apenas sobrenatural (espiritualidade). Da conjunção entre esses dois elementos (natural e sobrenatural) surgiu a arte.

Arte, ciência e espiritualidade iniciaram juntas, quase que sobrepostas, na trajetória do conhecimento humano. Mas, com o passar dos séculos, ocorreu o desenvolvimento individual dessas áreas, ocasionando momentos de ruptura, reencontros e novas rupturas, de forma cíclica e ascendente. Arte, ciência e espiritualidade ora caminham juntas, ora em paralelo, mas sempre se encontram e se entrelaçam, porque fazem parte do existir humano.²¹

1.3.2 Arteterapia como possibilidade de reencontrar o que é Sagrado

A busca de uma possibilidade de reencontrar o que é Sagrado tem na arteterapia a leveza, a natural forma do ser humano se permitir expressar. Na arte não se fala de Deus, mas se evoca e invoca, demonstra-se e se sente a proximidade com Ele, usando os sentidos para captar detalhes. O Salmo 19:1-4, na Bíblia, mostra como em tudo podemos ver Deus, mesmo sem reconhecê-lo imediatamente:

²⁰ TOMMASI, Sonia Bufarah. Introdução: a transcendência da arte, ciência e espiritualidade. In: TOMMASI, Sonia Bufarah (Org.). *Pensando a Arteterapia com arte, ciência e espiritualidade*. São Paulo: Vetor, 2012. p. 17.

²¹ TOMMASI, 2012, p. 11.

O céu anuncia a glória de Deus e nos mostra aquilo que as suas mãos fizeram. Cada dia fala dessa glória ao dia seguinte, e cada noite repete isso à outra noite. Não há discurso nem palavras, e não se ouve nenhum som. No entanto, a voz do céu se espalha pelo mundo inteiro, e as suas palavras alcançam a terra toda (Sl 19:1-4).²²

O ser humano, apenas no ato de viver, está em contato com Deus, através de tudo que foi criado e assim, na arte aparecem os elementos da natureza, as cores, as relações desse ser com seu meio, tudo fica retratado e vai além, utilizando o caminho do que é conhecido em Deus e experimentando o desconhecido, através de sons, imagens abstratas e outros caminhos incompreensíveis aparentemente, mas palpáveis ao espírito. Sobre este caminho ao encontro e reencontro do que é Sagrado e dar materialidade a “dádiva do momento”, Philippini assim traduz:

[...] o caminho criativo em Arteterapia tem o propósito de concretizar, dar forma e materialidade ao que é inatingível, difuso, desconhecido ou reprimido. [...] Fica claro, então, que situa-se no interior do próprio homem a imagem de Deus, e que, todo indivíduo pode experimentar a plenitude de Deus ao encontrar-se com o divino em si mesmo. O que está se falando e de conhecer em si a plenitude, e não de achar-se Deus, mas de experimentar a plenitude que nele se encontra.²³

A criatividade pode tornar-se inclusive manifestação do amor incondicional e foi praticada por Jesus, com leveza, alegria e arte. A sua maneira única de expressar coisas impalpáveis com graça e clareza arrebatou e arrebatou os corações, porque traduziu exatamente o anseio do coração humano. Reblin ilustra como segue:

[...] praticada por Jesus nos tempos bíblicos: o ato de contar histórias. [...] surgirá como uma atividade de questionar a realidade instaurada, capaz de servir ‘aperitivos do reino de Deus’, capaz de despertar o amor, mediante a proclamação de suas ausências, mediante a nostalgia e a esperança escatológicas por uma nova ordem das coisas, mediante brincadeiras e sorrisos.²⁴

Certo é que quando se abre a possibilidade de encontrar e reencontrar o que é Sagrado em tudo, é possível exercitar a criatividade, o novo, deixar para traz o “normótico” e sombrio para exercer o “olhar” do que é invisível, porém, belo aos

²² BÍBLIA SAGRADA. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

²³ PHILIPPINI, Ângela. Arteterapia: campos de atuação. PHILIPPINI, Ângela (Org.), *Revista de Arteterapia: Imagens da Transformação*, vol. 15, Rio de Janeiro, Wak, 2012. p. 207-208.

²⁴ REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo: Oikos, 2009. p. 155-156.

olhos e alegre para o coração. A arteterapia também questiona a realidade atual com suas mazelas e também fornece “aperitivos” da realidade invisível.

1.4 O planeta: incubadora, gestação do futuro

O “modelo” consumista e exploratório está como um dos fatores críticos que amplia a lacuna entre os seres humanos, Terra e demais seres do planeta. A mudança dos chamados “vícios” de consumo é extremamente necessária e urgente ou acarretará sérias consequências. Qual é o limite? Para onde a Terra está rumando? O planeta “mãe”, que dá vida e cuida, foi a incubadora do passado e está em gestação contínua. Boff questiona: “qual é o limite de suportabilidade do super-organismo-Terra? Estamos rumando na direção de uma civilização do caos?”.²⁵

Se o elemento diabólico (desagregador) não deve se sobrepor ao elemento simbólico (agregador de todas as coisas), quais instrumentos poderemos usar para prover de simbolismo nosso mundo para que ele suporte tudo que está fora do lugar? Depende de a consciência simbólica barrar o processo de destruição. É necessário reconhecer a própria origem e praticar uma cultura da inteireza do ser, sem pronunciarmos as famosas “frases duvidosas: “se... cuidarmos da natureza e de todas a criaturas, bem como do planeta como irmãos e irmãs”, “se... trabalharmos juntos para o bem comum”, “se...”. É preciso semear um futuro repensando, assumindo e agindo de acordo com esses preceitos:

- Reconhecer a nossa origem e nos educarmos para uma cultura da inteireza do ser!
- Cuidar da natureza e de todas as criaturas e do planeta como irmãos e irmãs!
- Trabalharmos juntos para o bem comum!

A diferença é gritante. Se não houvesse tanto medo de constatar a realidade, seria possível olhar com clareza e gentileza para a Terra e os seres que nela habitam, poderíamos acalmar a mente e não teríamos tanta dificuldade de enxergar como o universo realmente é. Com a mente aberta, o coração tranquilo e com a alma pura, Deus poderia se revelar a cada um na simplicidade, na essência.

²⁵ BOFF, 2011, p. 17.

1.4.1 Reciclando: praticando o cuidar do ambiente

A arte, assim como a vida, deve partir para uma reorganização em meio ao caos, tornando o elemento imprestável em aproveitável, reorganizando as partes que podem ser tiradas do meio do aparente lixo e fazendo-a evoluir ao mudar de formas. Essa pode ser a grande arma contra a destruição da Terra e também contra a desordem emocional, mas requer maturidade e despojamento. Segundo Tommasi, “com a maturidade, o homem aprende a reconhecer que não poderá crescer sozinho, que faz parte de uma humanidade que, por sua vez, faz parte de um cosmo e que deve evoluir como um todo”.²⁶

Se ainda existe a falsa crença de que o lixo que não está perto não importa, é preciso reformular essa trajetória ao começar pelo arranjo do lixo mental, aquele que não está aparentemente próximo, mas está inserido. Um aspecto maravilhoso sobre a natureza é que ela por si só não produz lixo, ela recicla tudo, sem exceção, mas a falta de consciência de ser um com ela tem nos levado à destruição. Em arteterapia, são renomeados os “lixos” produzidos no cotidiano, pois podem ser reutilizados em prol do desenvolvimento e como recurso terapêutico educacional, assim, simbolicamente, é construído um “novo mundo” com materiais recicláveis.

1.4.2 Recuperação da visão da totalidade

É possível retomar as origens, entendendo que a sabedoria pertence ao Criador, e tendo a humildade de preservar tudo que Ele criou. Se não existisse o ser humano no planeta, nada mudaria, já que ele está no topo da cadeia alimentar. Na natureza, porém, tudo tem seu propósito. Se uma espécie é destruída, o que seria das outras que dependem dela para se alimentar e reproduzir?

Unidas por um laço de luz, sopram uma leve brisa com palavras doces, indicando o caminho de salvação e redenção. Os ouvidos mais sensíveis captaram a mensagem, profissionais da saúde e da educação buscam conhecimentos multidisciplinares e pluridimensionais, para compreender e orientar o ser humano contemporâneo.²⁷

²⁶ DINIZ, Lígia. Arteterapia: rotas de retorno ao sagrado. In: TOMMASI, Sonia Bufarah (Org.). *Pensando a Arteterapia com arte, ciência e espiritualidade*. São Paulo: Vetor, 2012. p. 169.

²⁷ TOMMASI, 2012, p. 17.

Paulo Freire pensa na recuperação a partir da educação. Ele faz seus alertas preocupantes e coloca luz na ação. A sua preocupação: “[...] é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade”.²⁸

A recuperação da visão da totalidade possibilita:

Conhecimento e reconhecimento, descobertas e redescobertas, são as ações vividas por todos que enveredam pelo caminho de relação com as questões inconscientes, caminho de diálogo e descoberta do Mistério. Cada ser humano carrega em si a possibilidade deste contato com o Mistério, de conhecimento de Deus que vive em si mesmo.²⁹

A recuperação da visão da totalidade como princípio de cuidado, do fazer parte, é trabalho de todos que fazem parte dessa teia da vida.

1.5 Arteterapeuta: o humano cuidador

Para falar sobre o terapeuta há que se reportar aos terapeutas de Alexandria, do primeiro século da nossa, que trazia a visão holística do ser humano. Membros da comunidade judaica, o terapeuta era, no tempo de Fílon³⁰

[...] um tecelão, um cozinheiro, um psicólogo. Cuidava do corpo e da alma, cuidava dos deuses e das palavras que estes dirigiam à alma, cuidava da ética, era são, simples e sábio. Não curava, cuidava e orava pela saúde dos outros. Acreditava que, tratando da alma e do espírito, o corpo sarava.³¹

Para Fílon, “os Terapeutas eram filósofos, porque se esforçavam em conciliar as suas acções com o pensamento, e em conciliar o pensamento com Deus. No início da era cristã, já consideravam o ser humano como uma totalidade corpo/alma/espírito”.³²

²⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 34.

²⁹ PHILIPPINI, 2012, p. 209.

³⁰ “Fílon, filósofo de origem judaica, nascido entre os anos 30 e 20 antes da nossa era e cuja família se fixou no Egito. Viveu alguns tempos da sua vida junto da comunidade terapêutica [...]” CARITA, Joaquina. *Sapiens: revista de história, património e arqueologia*, Lisboa, n. 2, 2009, disponível em: http://www.revistasapiens.org/Biblioteca/numero2/uma_utopia_em_Filon_de_Alexandria.pdf Acesso em 20 jul. 2013, p. 58.

³¹ CARITA, 2009, p. 61.

³² CARITA, 2009, p. 61.

“A tarefa considerada primordial para os Terapeutas era cuidar [...] cuidar do que não é doente em nós, do Ser, do Sopro que nos habita e inspira”.³³ Atualmente, o terapeuta é, ao mesmo tempo, um solitário e um solidário: ele caminha na direção do outro e retorna a si. Em seu trabalho há ética para ver o outro e reconhece o divino em cada ser humano. Aprende a abençoar mais do que qualquer técnica, cultiva o silêncio, uma antropologia aberta, se recicla, e é atento no despertar da presença. Escuta ao mesmo tempo o silêncio, o corpo, as expressões artísticas e o sussurro da alma. É capaz de gratuidade; aquele momento, como nos fala Leloup, “[...] em que verdadeiramente experimentamos o prazer de fazer as coisas para o outro, sem pensar em nós mesmos, espontaneamente”.³⁴

O arteterapeuta é um profissional que com o seu cuidar coloca em prática o verbo amar. Ser este cuidador arteterapeuta requer ter disposição e conhecimento das técnicas, das atividades artísticas, da psicologia, da representação e da expressão da arte, sua significação e sua história e, fundamentalmente, disponibilidade e habilidade de se colocar no lugar do outro, para ver o mundo como a outra pessoa vê. A cada encontro, uma interligação ocorre e genuinamente a arte do terapeuta se manifesta de maneira holística, sem julgar, acolhendo com humanidade o ser em sua inteireza pra que a raiz da questão essencial se manifeste em sua expressão artística e possibilite decodificar, decifrar o significado de cada sinal demonstrado espontaneamente em verdade, de forma criativa para então, sim, estabelecer um plano de cuidado adequado e coerente com a necessidade do assistido.

Em consultas psicoterapêuticas habituais, na maior parte do tempo, ouve-se o cliente falar. Entretanto, na arteterapia, os participantes se utilizam dos recursos colocados à sua disposição para se expressarem, para construírem um “discurso” na ordem do imaginário. Às vezes, as representações tornam-se mais complexas, outras vezes ficam mais pobres, outras mais enriquecidas; o arteterapeuta sustenta o cliente para progredir, para arriscar-se a encontrar um caminho. No final do encontro arteterapêutico, cada participante encontra-se com um objetivo “terminado” que lhe é significativo.

³³ LELOUP, Jean Yves. *Cuidar do ser*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 68.

³⁴ LELOUP, 1996, p. 68.

Nossa vida depende de um sopro, o Terapeuta cuida desse sopro que informa o corpo. Curar alguém é fazê-lo respirar: “pôr o seu sopro ao largo” (sentido da palavra “salvação” em hebraico) e observar todas as tensões, bloqueios e obstruções, que impedem a livre circulação do ar (sopro) [...] Caberá ao terapeuta a função de ‘desatar’ esses nós da alma [...].³⁵

Ao arteterapeuta, no entanto, não cabe somente observar, abrem-se comentários sobre os encontros, os últimos trechos da experiência imediatamente anterior cujo impacto retorna seguidamente nos temas abordados na produção simbólica. Em seguida, compreendem-se os comentários frente às tarefas propostas, entusiastas, desdenhosas e as questões sobre a atividade, colocadas, às vezes, mais como meio de comunicação que de informação. É interessante um tempo para os comentários para surgir às ansiedades frente às novidades.

O momento de avaliação da atividade é consagrado especialmente ao diálogo, serve para o arteterapeuta observar a capacidade de o cliente tomar a palavra, assim como sua atitude de escuta frente ao terapeuta ou grupo. A capacidade de interessar por problemas gerais, de participar das discussões, de procurar argumentos está diretamente ligada aos objetivos da arteterapia. Também é considerada a humildade em uma relação grupal de aproveitar algo da experiência dos outros.

A atenção afetiva do arteterapeuta é dirigida sobre a relação que cada sujeito estabelece com a manipulação do material, dos instrumentos e dos movimentos eficazes. Além do resultado propriamente plástico, é interessante constatar o prazer ou o desprazer do contato sensorial do sujeito com o material, a manifestação de seus gestos, o prazer da apropriação progressiva da técnica.

Além da observação dos comportamentos, na relação de transferência, o terapeuta possui outro instrumento para sentir as emoções do cliente: os próprios sentimentos frente a eles. A noção de “transferência” é tratada na psicanálise freudiana e não

[...] pode ser entendida como o conjunto da relação que o paciente estabelece com o psicanalista, nem, tampouco, como o da perturbação neste tipo de relação, o que foi posteriormente entendido por outros autores; mas apenas como um aspecto muito específico dessa relação, na qual, a

³⁵ LELOUP, 1996, p. 71.

partir de uma falsa ligação, e de uma maneira um tanto quanto inapropriada, a figura do médico substitui alguém do passado do paciente.³⁶

A reação produzida sobre o arteterapeuta pela ausência do cliente, por sua chegada em atraso ou antecipada, por seu cumprimento efusivo ou seu olhar longínquo, pela indiferença, a delicadeza ou a revolta demonstrada pelo cliente/paciente em relação a ele, constituem os sinais do ponto de conflito a ser desfeito. Além dessa relação para ser um bom terapeuta através da arte, os arteterapeutas precisam concomitantemente aprender a frequentar a arte, ouvir com sensibilidade e responder com empatia junto à utilização dos materiais. As aptidões terapêuticas necessitam ser bem fundamentadas através de uma imersão na arte, viver com ela.

A empatia tem sido identificada como componente central entre cuidador e ser humano baseando-se no processo de engajamento emocional entre cuidador e o ser cuidado. Dentro do arteterapeuta cuidador, encontra-se o saber, as ações automotivadas vão prosseguir no sentido da plena manifestação da existência. E desta forma, tudo caminha em passos firmes, porém suaves, indo e vindo por toda eternidade, onde cabe ao arteterapeuta o papel de ser companheiro/a desta iniciação de estado novo, uma transmigração a uma nova forma de viver e religar ao Sagrado que habita em nós.

O encontro terapêutico através da arte flui sem medos de julgamento, já que falamos por meio de símbolos, de uma maneira mais leve, o que permite rever arquivos, limpar gavetas, abrir os olhos, pulsar e respirar por inteiro. É um tocar com atenção e respeito à unificação dos templos (corpo, mente e espírito é um templo vivo), com segurança tal qual um barco bem ancorado em porto seguro; época quando não tínhamos a presença tão forte da separatividade como mecanismo de defesa e autodestruição. Separatividade esta que se manifesta como vícios, desculpas, ignorância, preconceito, falta de amor e humanidade. Uma epidemia que a cada dia se torna mais presente nestes novos tempos e impede o humano de ser uno saudável com sua plenitude Divina. Amar sem medo, sem preconceito; amar por amar o ser Divino que por origem todos são. Humanos Divinos de plena possibilidade e

³⁶ BISSOLI, Sidney da Silva Pereira. O conceito de transferência nos “estudos sobre a histeria”: (BREUER & FREUD, 1895). In: *Paideia*, 2006, n. 16, p. 19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n33/04.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

saúde. Quando Jesus despertava, naqueles que encontrava, o coração de pedra, ou um coração fechado pelo medo e pela recusa, este coração se liquefazia no amor: “[...] capazes de perdão. [...] Esta é a própria função do terapeuta”.³⁷

O poder do toque amoroso de um ser consigo mesmo e com o outro através da arte, com atenção e intenção transparente, cultivando a vida (o resgate a origem), requer preparo. O arteterapeuta deve reverenciar e tocar o ser; como o agricultor que trabalha a terra semeando uma nova vida com respeito e agradecimento ao saber da ordem natural; que quando obedecida gera boa colheita. E podemos sintetizar com a fala de Leloup o “tocar” a que se aplica o trabalho do arteterapeuta:

Pode-se tocar alguém somente como um objeto [...] doença [...] coisa [...] objeto de prazer [...] Deus e, até mesmo, não ousar tocar. O importante é tocá-lo no meio, reconhecendo a dimensão divina da pessoa que tocamos, não esquecendo o Sopro que a habita [...] o espaço que existe nela [...] a divindade que está em seu ser. E manter os dois unidos.³⁸

Perante este quadro, entendemos que a doença física, emocional e espiritual se instalou no ser humano devido a ausência de integralidade, a qual sugere a consciência de conjunto com toda natureza e o Cosmo. A consciência de fazer parte, de agregar-se a tudo que existe constitui a verdadeira espiritualidade. A consciência holística da vida tem levado profissionais e voluntários à compreensão da necessidade do cuidado, tanto da natureza quanto de outros seres humanos, pois a cura de cada um dos seres constituintes da teia da vida culmina na cura do planeta e novamente reflete em cada um dos seres. Nesse contexto, surge a arteterapia, instrumento rico e integrador, capaz de suavizar o processo de autodescoberta e cura.

1.6 O processo de ensino e aprendizagem na totalidade do ser humano

Com estas considerações sobre o ser humano integral, este primeiro capítulo procura estabelecer uma ponte entre aspectos tão importantes como o seu retorno à inteireza e uma metodologia de aprendizagem. Inclui, por isso, alguns referenciais sobre o servir, espiritualidade, espiritualidade na arte, até desembocar na proposta de que a arteterapia pode se constituir em elemento que possibilita esse

³⁷ LELOUP, Jean Ives. Um convite à caminhada. In: LIMA, Lise Mary A. (Org.). *O espírito na saúde*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 30. p. 115-116.

³⁸ LELOUP, 1996, p. 196.

reencontro com o que é sagrado. Para resgatar esta totalidade do ser humano, o último tópico traz a importância de um trabalho de aprendizagem que contemple o ser humano em sua totalidade. Com relação a este último tópico, busca-se referencial num dos mais importantes pensadores brasileiros da atualidade, Rubem Alves, com foco em seu livro *Por uma educação romântica*.³⁹

Nesta sua publicação, Rubem Alves tece considerações acerca da educação interdisciplinar, que ele coloca como possibilidade e desafio para o mundo contemporâneo. Mais do que tecer considerações sobre o tema, este filósofo e terapeuta conversa sobre o tema com outros autores, sem se preocupar em fazer uma obra terminada. Esta proposta, de certa forma, remonta a Montaigne (1533-1592), com seu livro *Ensaios*⁴⁰, responsável por romper com os grandes tratados filosóficos do século XVI. Nessa publicação, o autor francês, muito criticado em sua época, dizia-se preocupado em produzir um texto que pudesse ser assimilado por um número cada vez maior de pessoas e, diante disso, sua proposta era a de “conversar com os leitores”. Esta é, como se depreende, a proposta de Rubem Alves.

Antes de entrar na questão interdisciplinar defendida por Rubem Alves, Reblin destaca que o filósofo mineiro, em seus livros sobre educação, faz críticas contundentes “à estrutura e padronização dos modelos de ensino e seus conteúdos, voltados à produção de uma nova geração destinada a suprir a demanda e os interesses de uma sociedade mercantilizada, tecnocrata, individualizada e burocrática”.⁴¹

Alves ressalta que a educação deve se constituir em um exercício de liberdade. E o faz dialogando com outro expoente da educação brasileira, o pernambucano Paulo Freire, no sentido de se buscar uma educação que dê conta do todo (o ser humano em sua inteireza), capaz de levar o educando a imaginar, a criar, unindo a apreensão dos conteúdos intelectuais ao desenvolvimento da sensibilidade e dos sentidos.

³⁹ ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. São Paulo: Papirus, 2002.

⁴⁰ MONTAIGNE, Michel. *Ensaios*. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1972.

⁴¹ REBLIN, Iuri Andréas. Rubem Alves e a Interdisciplinaridade: problematizações e perspectivas a partir de uma leitura de ‘Por uma educação romântica’. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 7, 2012. p. 1182.

Vale ressaltar que, na análise empreendida por Reblin, verifica-se a preocupação de Rubem Alves em propor reflexões sobre o fazer pedagógico voltado a um sujeito que é o corpo, porque é neste que existe a vida, porém, não unicamente como um aparato biológico, mas como uma entidade que deve ser entendida como sociocultural, ideológica, religiosa e espiritual, isto é, um ser humano integral, como vem sendo discutido neste capítulo. Especifique-se, ainda, que esta é também a proposta da arteterapia, seja no trabalho clínico, seja na sala de aula, na comunidade, nas organizações, entre outros.

Reblin aponta que “a interdisciplinaridade é uma postura epistemológica e pedagógica que busca em seu exercício a compreensão de um todo, por meio do diálogo entre diferentes áreas do saber e distintas percepções da realidade”.⁴² Essas preocupações estão expressas, em nível internacional, em importantes autores, como Edgar Morin, com sua Teoria da Complexidade, e no Relatório Delors, publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Este último traz as recomendações da Organização das Nações Unidas (ONU) para que seus países membros adotem uma pedagogia transdisciplinar e transversal, capaz de superar os abismos entre países do primeiro, segundo e terceiro mundos. Reblin ainda traz a contribuição de que Rubem Alves, no livro *Por uma educação romântica*, expressa um pensamento baseado no triângulo VER – PENSAR – INVENTAR, na perspectiva de um processo de aprendizagem da arte de ver, da arte de pensar e da arte de inventar. A arteterapia comunga com este triângulo VER – PENSAR – INVENTAR e complementa com o SENTIR. Segundo Jung, toda pessoa tem quatro funções psicológicas: Sensação, Pensamento, Intuição e Sentimento, que precisam ser no decorrer da vida desenvolvidas e unificadas.⁴³

Por fim, Reblin assevera que Rubem Alves defende a “restituição do papel do educador, o vínculo entre conhecimento e vida, a necessidade de aguçar a curiosidade e a imaginação, de estimular a visão de um todo maior, de despertar a sensibilidade e o voo do pensamento”.⁴⁴

⁴² REBLIN, 2012, p. 1193.

⁴³ BERNARDO, Patrícia Pina. *A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos*. São Paulo: edição da autora, vol. 1, 2008.

⁴⁴ REBLIN, 2012, p. 1198.

Com as ponderações deste capítulo, conclui-se que um terapeuta é um educador que vincula o conhecimento consciente e inconsciente ao cotidiano do cliente, dando maior sentido a sua vida, fomentam a criatividade despertando a curiosidade e a imaginação, estimulando a visão de um todo maior e o despertar para a sensibilidade através do voo para dentro de si mesmo, para posteriormente planar conscientemente em direção ao mundo externo honrando o fato de ser imagem e semelhança do Criador.

2 FUNDAMENTOS DA ARTETERAPIA: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS

Após essas breves considerações sobre o estar e o ser no mundo, com ênfase nas necessidades de cuidar e ser cuidado, de forma incondicional, para se alcançar o estado de divindade, ou numa linguagem mais cartesiana, encontrar o estado de equilíbrio, passamos, neste Capítulo II, às intersecções deste conteúdo com alguns referenciais sobre arteterapia, atividade ainda recente no Brasil, mas que vem se consolidando como possibilitadora de integração de conteúdos internos com os conteúdos externos e, por assim dizer, delineadores de uma melhor qualidade de vida.

Assim, o capítulo remonta aos mais antigos registros de produção artística pelo ser humano, trazendo o histórico da arteterapia no mundo e no país, com destaque para alguns de seus precursores. Na sequência, são relatados os benefícios que a arteterapia pode proporcionar às pessoas. Como as atividades expressivas desse campo terapêutico estão ligadas ao criar espontâneo, são trazidos conceitos de criatividade e processo criativo, para que se entenda que este é um fazer inerente ao ser humano, independente de sua origem, formação acadêmica e nível socioeconômico e cultural. A ligação destes elementos com o tema central desta dissertação também é tratada, quando relatamos a criatividade no território do sagrado. Feitas essas considerações, ainda trabalhamos com alguns aspectos típicos dessa atividade, ao ressaltarmos a importância de se dominar os recursos das imagens e dos símbolos, para que o arteterapeuta seja o adequado condutor das manifestações do sagrado inconsciente daquele que está nesse processo arteterapêutico.

2.1 A Arte como recurso terapêutico

O uso terapêutico da arte está presente desde civilizações mais antigas. Apresenta-se culturalmente em grandes manifestações artísticas, representando crenças e valores em estátuas, monumentos, templos e painéis. Janson notou a presença de valor emocional que a arte possuía, quando analisou as pinturas rupestres encontradas na caverna de Lascaux, França.

Escondidas nas entranhas da terra, fora do alcance de eventuais intrusos, estas imagens devem ter obedecido a um propósito muito mais sério que o simples gosto de decorar. De fato parece não haver dúvida de que foram executadas para servir um rito mágico destinado, talvez, a assegurar o êxito da caça [...]. Ao representar esses animais pretendia tê-los à sua mercê, e ao “matá-los” na imagem acreditava ter matado o sopro vital dos animais em si. Por isso, as imagens “mortas” perdiam o seu poder [...] A base emocional desta credence ainda não desapareceu totalmente: trazemos na carteira fotografias de pessoas que nos são queridas, para lhes sentirmos a presença... há quem rasgue a foto de alguém que passou a odiar.⁴⁵

É notório o quanto a arte retrata as nossas emoções e sentimentos de diferentes formas, algumas vezes mais branda, outra vezes de forma mais intensa. Assim, a arte permeia diversas civilizações, tornando-se a principal fonte de comunicação e expressão humana, capaz de representar as emoções, buscas, crenças e delinear as diversas culturas mundiais. Para Jung, “arte é a expressão mais pura que há para a demonstração do inconsciente de cada um. É a liberdade de expressão, é sensibilidade, criatividade, é vida”.⁴⁶

Arte é vida, é movimento, ação, é *produção única, original*. A arte retrata a história e a multiplicidade das culturas humanas em constante mudança e transformação. Em direção a esse caminho, Tommasi e Minuzzo ressaltam a espiritualidade na arte: “a arte eleva o espírito, insere o indivíduo no coletivo e o aproxima do divino”.⁴⁷

2.2 Breve Histórico da Arteterapia

A arteterapia, mesmo sendo recente, tem uma caminhada concreta alicerçada em pesquisa teórica e resultados práticos dos efeitos deste processo terapêutico no ser humano sejam em crianças, jovens, adultos e idosos. Ao longo dos anos, tem despertado cada vez mais o interesse de profissionais das mais diferentes áreas, principalmente os ligados a saúde, educação e artes.

2.2.1 Algumas notas sobre os primeiros trabalhos em Arte em Terapia

Segundo Arcuri, a arteterapia como um novo campo do conhecimento, vem se desenhando e surge complementando “várias áreas do conhecimento humano

⁴⁵ JANSON, H. W. *História geral da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 41.

⁴⁶ JUNG *apud* TOMMASI, Sonia Bufarah; MINUZZO, Luiza. *Origami em educação e arteterapia*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 47.

⁴⁷ TOMMASI; MINUZZO, 2010. p. 47.

como antropologia, arte, psicologia, neurologia, psiquiatria, filosofia, sociologia”⁴⁸ e afins, em prol da ciência, de conhecimentos sólidos e para resolver questões diversas da humanidade. Seu aparecimento está ligado ao atendimento global do indivíduo. A arteterapia pode ser considerada uma terapia expressiva que faz o uso da arte

[...] como ferramenta de trabalho, e exalta e liberta as qualidades do indivíduo na práxis da vida, ajudando-o a sentir-se, pensar-se e a agir de acordo consigo mesmo, criando um canal de comunicação entre seus conteúdos conscientes e seus conteúdos inconscientes, ao longo de sua existência.⁴⁹

Os primeiros trabalhos nessa área englobando arte e psiquiatria são de 1876, com Mark Simon, médico e psiquiatra, que apresentou pesquisas sobre manifestações artísticas de doentes mentais e também classificou as patologias conforme as produções. Em 1888, conforme Andrade, Lombroso, um advogado criminalista, fez análises psicopatológicas dos desenhos dos doentes mentais para tentar classificar as doenças. Somente Lombroso acreditou no valor do diagnóstico desse tipo de terapia e deu continuidade aos estudos.⁵⁰

Vários outros autores europeus até o final século XIX realizaram trabalhos e pesquisas a respeito de produções e trabalhos artísticos de doentes psiquiátricos. Em 1906, Mohr comparou trabalhos produzidos por doentes mentais, pessoas normais e grandes artistas, lançando hipóteses sobre a relação de desenhos produzidos e aspectos da personalidade.⁵¹ Diversos de seus discípulos se inspiraram nessa ideia, o que, de certa forma, “determinou a concepção dos testes de inteligência e motores”.⁵²

No início do século XX, Prinzhorn realizou pesquisas entrelaçando produções de doentes mentais e escolas artísticas. Segundo Andrade, na década de 1920, Jung solicita aos “seus clientes que façam desenhos, representações de imagens de sonhos e de situações conflitivas”⁵³ como parte do tratamento,

⁴⁸ ARCURI, Irene Gaeta. Arteterapia: um novo campo do conhecimento. In: ARCURI, Irene Gaeta (Org.). *Arteterapia: um novo campo do conhecimento*. São Paulo: Vetor, 2006. p. 19.

⁴⁹ ARCURI, 2006, p. 20.

⁵⁰ ANDRADE, L. Q. *Terapias expressivas: uma pesquisa de referenciais teórico-práticos*. São Paulo: Vetor, 1993. p. 43.

⁵¹ MOHR, *apud* ANDRADE, 1993, p. 44.

⁵² ANDRADE, 1993, p. 44.

⁵³ ANDRADE, 1993, p. 45.

entrelaçando assim a arte com a terapia. Ele aprofundou seus conhecimentos para tentar reunir os aspectos comuns desses trabalhos, considerou a arte como uma função natural da mente humana e acreditou no poder estruturante contido nessa forma de terapia expressiva. A partir disso, “Jung começou a utilizar técnicas de desenhos livres para facilitar a interação verbal com o paciente”.⁵⁴ Como descreve Andrade, “[Jung] observa que o inconsciente se manifesta por meio de imagens, sendo uma comunicação simbólica com função catártica”.⁵⁵

Após Jung e muitos outros autores e pesquisadores, vemos que essa prática se espalhou no período compreendido entre a década de 1920 até a década de 1940, como uma alternativa ao tratamento “modelo” existente. E a continuidade desses trabalhos trouxe resultados satisfatórios, o que os consolidaram e foram sendo aceitos. Assim, essa prática contribuiu para avanços significativos na pesquisa psiquiátrica, podendo seus benefícios serem definidos por Arcuri como “a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos, baseando-se na percepção de que o processo criativo envolvido na atividade artística é terapêutico e enriquecedor da qualidade humana”.⁵⁶

2.2.2 Início dos trabalhos de Arte como terapia no Brasil

Segundo Andrade, com o avanço dos estudos em várias partes do mundo, esse trabalho de terapia começa a despontar no Brasil em 1925, por meio dos trabalhos de Osório César, no Juqueri (Franco da Rocha, em São Paulo). Sob a influência da psicanálise freudiana, ele publicou *A arte primitiva nos alienados*.⁵⁷ Posteriormente, em 1946, no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, em Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, a psiquiatra Nise da Silveira, inconformada com os métodos desumanos como o eletrochoque, o coma insulínico e a lobotomia, iniciou os trabalhos com arte no processo terapêutico, intitulando-o com Emoções de Lidar, valorizando o trabalho do paciente sem, portanto, dar a ele valor artístico. A intenção era ser uma forma de liberdade de expressões de seus clientes/pacientes, realmente um trabalho terapêutico e sem nenhuma intenção com valor artístico e nos padrões requisitados pelas escolas de artes da época e da atualidade. Em 1952, criou o

⁵⁴ ANDRADE, 1993, p. 45.

⁵⁵ ANDRADE, 1993, p. 44.

⁵⁶ ARCURI, 2006, p. 21.

⁵⁷ ANDRADE, 1993, p. 51.

Museu do Inconsciente, que conserva até hoje trabalhos de expressão dos pacientes dessa instituição. Em 1956, Nise da Silveira participou do Congresso em Zurique a convite de C. G. Jung, levando uma enorme quantidade de trabalhos dos internos.⁵⁸

As manifestações ou as expressões artísticas permitem ao ser humano uma forma de comunicação pela qual ele se manifesta, mesmo que por símbolos, no mundo. Philippini diz que

[...] a ARTE, em suas múltiplas manifestações, como profundo documentário psíquico, tanto para a coletividade, como para cada indivíduo em sua existência singular. Seguindo de [...] relatos sobre a Arte como prática terapêutica na Grécia Antiga (século V antes de Cristo) em Epidauro, centro de cura dedicado à Asclépio e podemos chegar à cerca de 35.000 anos atrás com as pinturas nas cavernas.⁵⁹

Verifica-se, historicamente, que a arte aparece há muito tempo, por ser uma necessidade de se expressar, um processo natural do ser humano que, segundo Andrade, “manifesta uma relação profunda do homem com o mundo”.⁶⁰ As manifestações artísticas relacionadas com terapia têm um poder restaurador e contribuem para a formação e para o desenvolvimento do ser humano sadio e moderno. Para Jung, “arte é a expressão mais pura que há para a demonstração do inconsciente de cada um. É a liberdade de expressão, é sensibilidade, criatividade, é vida”.⁶¹ É importante salientar que a arte, enquanto terapia, não é algo de novo, pois, desde os primórdios, ela é um “profundo documentário psíquico”.⁶²

2.2.3 Os primeiros trabalhos de Arteterapia

A arteterapia transcendeu os estudos psiquiátricos com Margaret Naumburg, em 1941, seguindo os princípios da psicanálise, atendendo em seu consultório, denominou seu trabalho como “Arteterapia de orientação dinâmica”.⁶³ Em 1968, ministra cursos de extensão em arteterapia. Já em 1958, Edith Kramer aplicando a

⁵⁸ ANDRADE, 1993, p. 55.

⁵⁹ PHILIPPINI, Ângela. *Cartografias da coragem: rotas em arteterapia*. Rio de Janeiro: Pomar, 2001. p. 13.

⁶⁰ ANDRADE, 1993, p. 6.

⁶¹ JUNG *apud* SILVEIRA, Nise da. *Jung vida e obra*. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 47.

⁶² PHILIPPINI, 2001, p. 13.

⁶³ UNIÃO Brasileira das Associações de Arteterapia. Disponível em: <<http://www.ubaat.org>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

arteterapia seguindo a psicanálise freudiana, passou a dar mais importância ao processo do que ao produto final. Priorizando a observação do comportamento durante a execução sem a necessidade de verbalização, acredita que a ênfase no trabalho está na relação transferencial.⁶⁴

Após longos anos de estudo e pesquisa, começam a surgir no Brasil oficinas arteterapêuticas, cursos de extensão, projetos e congressos relacionados com a arteterapia. Em 1964, ocorreu o primeiro curso de arteterapia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), ministrado pela norte-americana Hanna Kwiatkowska, reunindo em seu conteúdo psicologia e arte. Diversos trabalhos foram realizados a partir daí, seguindo os pensamentos freudiano e junguiano. Somente em 1982, apareceu o primeiro curso de pós-graduação em arteterapia no Rio de Janeiro com a coordenação da ícone da arteterapia no Brasil: Ângela Helena Philippini. Em outubro de 1999, foi criada a Associação de arteterapia no Rio de Janeiro. Com o decorrer do tempo, outras associações foram criadas no Brasil: Associações de Arteterapia do Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Brasil Central, Rio Grande do Sul, Bahia e Sul do Brasil, além da União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT), cuja finalidade é reconhecer, normatizar e legalizar a profissão.⁶⁵

2.3 Concepção e benefícios da Arteterapia

A arteterapia, a terapia que se dá através da leitura simbólica das produções plásticas, é uma terapia que facilita tanto o enfrentamento de conflitos como o fortalecimento das potencialidades humanas trazendo inúmeros benefícios para o ser humano. A seguir os fundamentos que embasam este procedimento.

2.3.1 Concepção de Arteterapia

A arteterapia resgata uma tradição milenar de utilizar diversos recursos artísticos como uma forma harmônica de se autoconhecer, comunicar-se, relacionar-se e estar no mundo. Considerando as condições atuais de vida, com suas múltiplas exigências para inserção pessoal e profissional num mercado de trabalho cada vez

⁶⁴ UNIÃO, 2013.

⁶⁵ UNIÃO, 2013.

mais exigente; e tendo em vista a necessidade de conciliar tais exigências com uma qualidade de vida cada vez melhor, a arteterapia é uma forma de atuação profissional, criativa, prazerosa e autorrealizadora que acolhe, em suas múltiplas interfaces, não só a demanda social, como contempla a realização humana através da integração e de harmonia dos aspectos físico, mental e emocional e espiritual de todos os envolvidos. A arteterapia deve ser vista como uma forma de expressão, de comunicação e de liberação de emoções de um indivíduo em atendimento, auxiliando o paciente a distinguir os problemas reais dos problemas imaginários e assim, ajudando-o a ressignificar o seu meio de convívio, aceitando com mais facilidade seu estado momentâneo. Desse modo, torna-o mais resiliente aos problemas cotidianos que vão surgindo ao longo da vida. A arteterapia é também uma excelente forma de comunicação para aqueles pacientes que tem nenhuma ou pouca comunicação verbal. Jung, é uma forma de “traduzir o indizível, em formas visíveis”.⁶⁶ Philippini completa dizendo que

[...] uma dentre as inúmeras formas de descrever o que é mesmo Arte Terapia, será considerá-la como um processo terapêutico, que ocorre através da utilização de modalidades expressivas diversas. As atividades artísticas utilizadas configurarão uma produção simbólica, em inúmeras possibilidades plásticas, diversas formas, cores, volumes, etc. Esta materialidade permite o confronto e gradualmente a atribuição de significado às informações provenientes de níveis muito profundos da psique, que pouco a pouco serão apreendidas pela consciência.⁶⁷

Como um mapa, nossa produção plástica retrata como pensamos, intuimos, sentimos, agimos e idealizamos. A arteterapia é preferencialmente assentada nas artes plásticas e visuais como a pintura, a modelagem, o recorte e colagem, trabalhos com fios como bordados, costura e tecelagem, fotografias, além das técnicas de construção com sucatas, construção de personagens entre outros. A dança, música, teatro, as histórias são complementos dentro da arteterapia. Cada modalidade tem a sua propriedade terapêutica específica, cabe ao arteterapeuta ver qual a necessidade do seu cliente e propor a atividade específica.

⁶⁶ JUNG *apud* BERG, Rodolfo. *Arteterapia. Imagens da Transformação*, Rio de Janeiro, v. 6, 1999. p. 104.

⁶⁷ PHILIPPINI, 2001, p. 13.

2.3.2 Benefícios da Arteterapia

Por ser um trabalho que utiliza materiais plásticos, a arteterapia promove uma terapia multissensorial, pois diversas técnicas e materiais podem ser desenvolvidas e trabalhadas durante as sessões, levando em consideração que a todo tempo, nosso organismo vivo busca uma autorregulação, quando isso não ocorre, é necessário alcançar meios de auxiliá-lo. Esse é um benefício que a arteterapia pode proporcionar. Nessa direção, Ângela Philippini argumenta que,

[...] em Arteterapia, os “sinais” são registrados através da produção simbólica, pela cor, formas, movimento, ocupação no suporte e padrões expressivos gerais. Ao aprender gradualmente o significado dessas configurações, é possível permitir que, pouco a pouco, conflitos sejam elaborados e conteúdos até então desconhecidos possam acessar a consciência.⁶⁸

Percebe-se o quanto essa terapia expressiva pode contribuir para o desenvolvimento sadio de um indivíduo. Segundo Philippini, “[...] a arte é testemunho de formas de relacionamento do homem consigo mesmo e com universo”.⁶⁹ Através das manifestações artísticas, ser humano pode reavaliar seu papel no mundo, rever suas formas de relacionamento, consigo próprio, com as pessoas de sua convivência e reconstruir o meio onde está inserido. A terapia favorece o processo de resgate do equilíbrio, que se constitui na transposição dos múltiplos estágios da psique em produções simbólicas que, ao serem compreendidas, permitem a estruturação e a expansão da personalidade. Philippini diz que

[...] o caminho da arte nos abre e propõe uma nova forma de compreender o homem em seu entrelaçamento com o outro e o meio ambiente, inaugurando uma abordagem ético-estética, integradora e inclusiva e, portanto, pacífica e respeitosa, da vida e de todas as nossas relações.⁷⁰

A arteterapia é um instrumento precioso para o entendimento da totalidade humana. No momento que passamos a nos conhecermos mais profundamente, aceitando nossas limitações, reconhecendo nossas falhas, assumindo a responsabilidade de 100% de nossos atos, passamos a entender e respeitar melhor

⁶⁸ PHILIPPINI, 2001, p. 23.

⁶⁹ PHILIPPINI, 2001, p. 73.

⁷⁰ PHILIPPINI, 2001, p. 80.

o outro. A partir do momento que somos co-criadores da nossa existência, reconhecendo a beleza de todos os seres vivos, da natureza e do universo, passamos a viver em comunhão com o Criador.

2.4 Criatividade: expressão e desenvolvimento

Criatividade é viver e inovar, é o ciclo da vida: nasce, transforma, morre, renasce, recria, ressignifica e transcende. Partindo da concepção de que arte, saúde e criatividade são caminhos entrelaçados, o processo criativo tem um potencial profilático e curativo que permite uma melhor qualidade de vida.

2.4.1 A complexidade da criatividade

Um dos requisitos básicos para se trabalhar com a arte e as expressões artísticas variadas é a criatividade. Nesses trabalhos, é imprescindível deixar a criatividade fluir, uma tarefa que ultimamente não é incentivada pela nossa cultura. A cultura ocidental tem privilegiado a racionalidade. Entretanto, sabem-se quais os benefícios de se trabalhar com as mãos, com o corpo e com a voz. Essas atividades são restauradoras, prazerosas, revigorantes e trazem equilíbrio, numa sociedade moderna, atribulada, “doente” e superficial do ser humano contemporâneo.

Diversos autores e estudiosos pesquisaram profundamente a criatividade e se ocuparam com as seguintes questões: Como surge a criatividade? Qual o conceito? Como pode ser definida? Quais as condições necessárias para despertá-la, incentivá-la e desenvolvê-la? Como ampliar e potencializar a criatividade? Como e porque a criatividade se expressa de maneiras diferentes nas diferentes pessoas? A criatividade é alvo de estudo das mais diversas áreas do conhecimento humano e científico.

Martinez define que “há mais de 400 definições para Criatividade apenas no campo da Psicologia, além da utilização de palavras com significados similares, como produtividade, pensamento criativo, pensamento produtivo, originalidade, inventividade, descoberta e inteligência”.⁷¹ Diversos autores vinculam o início da criatividade com os desenhos rupestres, que retratavam os fatos do dia a dia, os pensamentos e sentimentos daquela época, iniciando assim um processo criativo

⁷¹ MARTÍNEZ, A. M. *Criatividade, personalidade e educação*. Campinas: Papyrus, 1997. p. 53.

sempre empenhado na busca de resposta ou de soluções para os problemas cotidianos e para a sua própria existência. Janson amplia afirmando que

[...] só o ser humano é capaz de usar a imaginação para contar histórias ou pintar. A necessidade de fazer arte é exclusivamente humana. Nenhum outro animal jamais desenhou espontaneamente uma imagem reconhecível como tal. Não nos resta dúvidas, por um outro lado, de que o ser humano possui uma faculdade estética. Aos cinco anos, toda criança normal já desenhou uma cara redonda. A capacidade de criar arte é um dos traços distintivos do ser humano, que o separa de todas as outras criaturas como um abismo intransponível.⁷²

Por sua vez, Ostrower relaciona o criar com o viver humano:

Consideramos a criatividade um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades. As potencialidades e os processos criativos não se restringem, porém à arte. Em nossa época, as artes são vistas como área privilegiada do fazer humano, onde ao indivíduo parece facultada uma liberdade de ação em amplitude emocional e intelectual inexistente nos outros campos de atividade humana, e unicamente o trabalho artístico é qualificado de criativo. Não nos parece correta essa visão de criatividade. O criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam.⁷³

Acreditando que a arte é o combustível da arteterapia, comungamos que o criar não deve ser vinculado somente com o fazer artístico, mas criar é a pura manifestação da vida, da nossa própria existência. E como diz Chiesa, “a vivência criativa resgata a emoção no encontro da pessoa consigo mesma atualizando o potencial criativo nos níveis intrapessoal, interpessoal, ecológico e espiritual”.⁷⁴ Com isso, percebe-se a complexidade dos estudos nessa área e que provavelmente não se esgotarão tão cedo. Um dos aspectos que destacamos nesse estudo é a criatividade como fonte de criação, como forma de expressão, que promove o desenvolvimento do indivíduo.

2.4.2 Criar como forma de expressão

Como descrito anteriormente, a criatividade revelada nos desenhos rupestres mostra uma necessidade interna, profunda e densa dos seres humanos de se comunicarem, de se relacionarem. Vivendo em bandos, grupos ou em sociedade,

⁷² JANSON, 1993, p. 12.

⁷³ OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 5.

⁷⁴ CHIESA, R. C. *O diálogo com o barro: o encontro com o criativo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 48.

é visível e intensa interação entre seus membros e entre outros grupos. Essas interações ocorrem das mais variadas formas possíveis: falando, escrevendo, gesticulando, em seus rituais e credences, ocorre também por meio das expressões artísticas: desenhos, objetos, pintura, modelagem, atividades corporais e demais atividades.

Diante disso, pode-se observar que o ser humano é um ser social, que necessita viver em grupo, o sentimento de pertença é inerente ao ser humano. Como cada pessoa é um ser singular, com suas características, suas crenças e seu meio social de convívio, cada indivíduo tem sua maneira de se expressar. A arteterapia auxilia e permite ao indivíduo se expressar de diferentes formas além da fala e da escrita. Permite, inclusive, expressar e revelar conteúdos de seu inconsciente, que conscientemente ele nem sabia existir. Ainda pode-se verificar o que nos diz a Rede de Indra. Na mitologia Hindu, trata-se de uma rede de pedras preciosas na qual, em cada cruzamento de um fio com outro, cada pedra reflete todas as demais.

Como uma Rede de Indra, um processo criativo que se ativa, pode vir a libertar movimentos expressivos que fazem nascer outros gestos criativos. Esses podem nascer de simples manchas coloridas, mas que podem despertar uma sensação do arco-íris, que traz a vontade de cantar. E o canto pode abrir a porta para o afeto represado, que ao se soltar, traz junto a palavra não dita, que assim, já pode virar poema. Um poema pode inspirar os traços, que firmes podem configurar um projeto. E assim se ordenam os fios dos afetos que tramam a urdidura, que fortalece a rede de criatividade. E com cada experiência criativa que é feita, a rede se expande, aumenta seu campo de ação, gerando outras redes, que gerarão outras e outras mais. E nessa grande teia, das artes, da esperança e da vida, cada vez que criamos, podemos renascer e celebrar, sem medo de sermos felizes.⁷⁵

2.4.3 O criar no “território sagrado”

É corrente hoje a compreensão de que o estilo contemporâneo de vida não favorece uma pausa, um tempo para reflexão, um tempo para recolhimento, um tempo para pensar, para o ser humano moderno. Esse tempo necessário para ele entrar em contato com sua natureza interna e criar seu “território sagrado”, sendo esse um local em que ele pode pensar e tentar criativamente solucionar seus problemas, resgatar e fortalecer sua espiritualidade, suas questões existenciais e se restaurar. Philippini define território sagrado com um espaço que

⁷⁵ PHILIPPINI, 2001, p. 76.

[...] todas as culturas têm, seus territórios sagrados, um espaço de proteção, calma e serenidade em que os indivíduos podem realizar seus ritos de conexão com Aquele que concebem como divindade. Locais para renovar as forças, espaço para reverenciar ancestrais, pedir proteção, inspiração e harmonia. Nestes territórios, reúnem-se símbolos que facilitam um processo de resgate de um chão original, uma verdadeira casa no sentido psíquico.⁷⁶

A esse respeito, Campbell diz que

[...] isso é uma necessidade absoluta para qualquer um. Você precisa de um grupo, uma determinada hora ou um certo dia em que não leu notícias da manhã, não sabe quem são seus amigos, não sabe o que deve a quem quer que seja, nem o que lhe devem. É um lugar, onde você simplesmente vivencia e traz à tona o que você é e o que pode ser. É o lugar da criação incubativa. No início, você pode achar que nada acontece, mas, se você tem um lugar sagrado e se serve dele, alguma coisa eventualmente acontecerá.⁷⁷

Winnicott relaciona a criação com o desenvolvimento da inteireza do ser humano e descreve que “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)”. Essa situação pode ser observada por exemplo na imaginação de uma criança que está brincando livremente e provavelmente em seu “território sagrado”.⁷⁸ Ainda segundo o mesmo autor, a criança quando está brincando está expressando sua liberdade, sua criatividade e revelando os seus desejos mais íntimos. “O brincar é essencial porque nele o paciente manifesta sua criatividade”.⁷⁹

2.4.4 O poder criativo

A criação nasce de uma ideia, de um mergulho em si mesmo, de situações ou fatos vividos e vivenciados recentemente ou há muito tempo. O poder de criação é inerente ao ser humano, pois sempre há momentos em que precisa fazer escolhas, buscar alternativas para o seu modo de vida, questões para solucionar, comunicar-se e expressar seus sentimentos. Philippini complementa “quando for

⁷⁶ PHILIPPINI, 2001, p. 43.

⁷⁷ CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas, 1990. p. 98.

⁷⁸ WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 80.

⁷⁹ WINNICOTT, 1975, p. 80.

prioritário criar, cada um saberá de que material ou ambiente realmente precisara dar início ao processo”.⁸⁰

Para criar é fundamental a disposição e o desejo interno de se expressar. O ato criador requer ao mesmo tempo ousadia, paciência e liberdade. Os “pré-requisitos para a criação são a alegria, o amor, a concentração, prática, o uso do poder dos limites, o uso do poder dos erros, o risco, a entrega, a paciência, a coragem e a confiança”.⁸¹ Martha Graham complementa descrevendo que, no processo criativo,

[...] existe uma vitalidade, uma força vital, uma vivacidade que é traduzida em ação por seu intermédio, e como em todos os tempos só existiu uma pessoa como você, essa expressão é única. Se você a bloquear, ela jamais voltará a se manifestar por intermédio de qualquer outra pessoa, e se perderá.⁸²

Portanto, pode-se considerar que o poder criativo existe em todos os indivíduos e se manifesta de forma mais superficial ou mais profunda, dependendo da “liberdade” que damos à vazão de nossos sentimentos e emoções, sem os “freios” de nossa sociedade. A partir do momento que o ato criador é inerente ao ser humano, faz-se necessário apenas “acordar”, despertar a criatividade em cada ser.

2.4.5 Criatividade em arteterapia

Segundo Philippini, um elemento essencial é “a coragem que gera liberdade de expressão e sustenta a autonomia criativa”.⁸³ Por isso, é necessária certa ousadia para que a criatividade flua livremente e intensamente. É necessário enfrentar desafios, medos e insegurança e deixar a mente e a alma aberta para o fluxo criativo.

O trabalho com artes, de modo geral, estimula a imaginação e favorece o aparecimento de trabalhos criativos. O trabalho de terapia expressiva possibilita “soltar” a imaginação e produzir materiais diferenciados e, ao mesmo tempo, carregados de simbolismo. Sintetizando, o trabalho expressivo em arteterapia se

⁸⁰ PHILIPPINI, 2001, p. 73.

⁸¹ NACHMANOVITCH, S. *Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte*. São Paulo: Summus, 1993. p. 11.

⁸² GRAHAM *apud* PHILIPPINI, 2001, p. 76.

⁸³ PHILIPPINI, 2001, p. 9.

compõe desses elementos: criatividade, boa vontade, coragem, utilização de técnicas e materiais variados e liberdade. Todos esses componentes e recursos favorecem a expressão criativa do indivíduo, além de um competente arteterapeuta. Segundo Tommasi, “a arteterapia se fortalece como prática terapêutica justamente no momento de crise existencial pessoal”.⁸⁴ Philippini descreve que, em arteterapia, o caminho criativo

[...] tem o propósito de concretizar, dar formas e materialidade ao que é inatingível, difuso, desconhecido ou reprimido. Sonhos, conflitos, desejos, afetos, energia psíquica que é bloqueada e precisa liberar-se e fluir, ganhar concretude e poder plasmar e configurar símbolos, que, assim, cumprem sua função de comunicar, estruturar, transformar e transcender.⁸⁵

As mãos servem como instrumentos terapêuticos:

[...] a palavra mão deriva do sânscrito mana, que quer dizer mente, pensamento e, certamente, o fazer com as mãos equivale a configurar, processar, ordenar e, em últimas instâncias, elaborar. As mãos, desde tempos imemoriais relacionavam-se com o divino através da natureza e seus elementos vitais (ar, água, terra e fogo). Através de práticas ritualísticas e respiratórias, acompanhadas de posturas simbólicas das mãos (mudras) invocavam-se divindades protetoras que, por intermédio do ar, sopravam novas ideias (inspirações) leveza, movimento, liberdade e revelações, abrindo-se, deste modo, trilhas ao inconsciente e permitindo através destas ritualizações uma conexão com um mundo mais sutil, cumprindo-se assim a função simbólica e transcendente. Da terra materializava do objeto utilitário ao objeto do culto, “Mãe dos mortos e mãe dos grãos”, onde germinavam sementes, sonhos e projetos. Das águas que, fluídas, umedeciam, dissolviam, purificavam, batizavam e propiciavam iniciações e que, coloridas, em COR-ação pintavam oferendas, sentimentos e desejos.⁸⁶

Esses são alguns benefícios proporcionados pela arteterapia para os indivíduos.

2.4.6 Criatividade para transformar e evoluir

A criatividade é o elemento que leva a evolução. Evoluir é um processo que pode ser doloroso e difícil para algumas pessoas. Klein afirma que “a expressão alivia, mas a criação – e a criação continuada – transforma”.⁸⁷ E é nesse processo

⁸⁴ TOMMASI, 2012, p. 17.

⁸⁵ PHILIPPINI, 2001, p. 65.

⁸⁶ PHILIPPINI, 2001, p.68

⁸⁷ KLEIN *apud* CHRISTO, Edna Chagas; SILVA, Graça Maria Dias da. *Criatividade em Arteterapia: pintando e desenhando, recortando, colando e dobrando*. Rio de Janeiro: Wak, 2006. p. 13.

de metamorfose que a criatividade se expande, procurando solucionar os problemas e criar alternativas ideais.

É nesse contexto da liberdade de expressão e da criatividade aliada à terapia, onde o indivíduo constrói, desconstrói; cria e recria a sua realidade, mesmo que esse novo momento seja criado por meio de produções imagéticas, por uma pausa em sua rotina, pela confecção de alguns objetos e ainda que ausente de significados para os demais, pode ser um símbolo dele e para esse indivíduo muito importante. É uma forma de evoluir, de se desenvolver de forma saudável e aprender a lidar com os problemas do dia a dia. Como diz Winnicott, “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança e o adulto fruem sua liberdade de criação”.⁸⁸

O ser humano pode ser consciente de sua condição terrena e planetária, pode ser consciente de seus atos e de suas consequências. Busca sua plenitude, um ser completo, que saiba tomar decisões, fazer escolhas, errar e solucionar seus problemas cotidianos, sempre buscando alternativas, não se deixando esmorecer e vivendo de uma forma digna e com respeito com o outro e com o planeta, sendo criativo não somente para si, mas também para a humanidade. Com nos diz Winnicott,

[...] um homem maduro é aquele capaz de identificar-se com a sociedade sem ter que sacrificar excessivamente sua espontaneidade, é capaz de atender suas necessidades pessoais sem tornar-se por isto um ser anti-social, e de aceitar certa responsabilidade quando isto se tornar necessário.⁸⁹

2.5 As imagens e o processo terapêutico

2.5.1 O fazer criador e as imagens

Reunir homem e imagem,
Imaginação,
Imagem em ação.
Através da história.
Nas paredes das cavernas
Nas paredes das casas, dos túmulos, das igrejas
Nas paredes das memórias
Nos muros das cidades
Nas praças, nas ruas, no próprio corpo.
Necessidade de expressão,
De expressão de suas imagens.

⁸⁸ WINNICOTT, 1975, p. 80.

⁸⁹ WINNICOTT, 1975, p.162.

Imagens interiores
Que anseiam por se libertar.⁹⁰

O poema acima remete a uma reflexão profunda sobre como as pessoas cultivam suas imagens interiores e também revelam o impulso vívido das imagens em busca de expressão no meio externo. Fica claro que o ser humano não cria porque gosta, mas porque necessita criar para que as imagens se libertem de seu mundo interior. É possível afirmar também que na história da humanidade a necessidade de manifestar pensamentos pela imaginação está intrínseca no ímpeto de se expressar para comunicar aos outros suas sensações, emoções, desejos, medos e anseios.

Diante de tantos anseios e impulsos de expressividade imagética, é possível afirmar que o mundo de imagens interiores do ser humano está contido numa espécie de reservatório, como se fosse um caldeirão. Esse caldeirão de imagens interiores precisa ser ordenado pela própria expressividade que o ser humano lhe confere, dando forma, criando e representando para fora de si. Tem sido assim desde os primórdios da humanidade, quando o ser, ainda sem estar dotado de uma linguagem verbal estruturada, expressava seus pensamentos, suas ideias, através de desenhos de imagens que ficaram gravadas em cavernas até os dias de hoje, e que são chamadas de pinturas rupestres. Para Philippini, ao criar, a energia psíquica se transforma em imagem:

A produção imagética é consequência de processos primários de elaboração psíquica, tendo assim, na maioria das vezes, a possibilidade de não passar pelo crivo da consciência e do controle egóico. Posteriormente, ao ser confrontada através de sua materialidade, poderá começar gradualmente a oferecer alguns, dentre seus múltiplos significados à consciência.⁹¹

Entende-se, assim, que essa energia psíquica de criação nos processos verbais da fala e da palavra escrita, que passam pelo crivo da razão, brotam do hemisfério cerebral esquerdo, responsável pelas atividades ditas racionais. Conseqüentemente, do outro lado do cérebro, no hemisfério direito, é onde armazenam-se as imagens, as figuras, os símbolos, o grande caldeirão e reservatório destes elementos. É nele também que estão localizados o pensamento

⁹⁰ PHILIPPINI, Ângela; MEDINA, Antônio Luiz. Arte-Terapia. *Reflexões*, n. 3, v. 2, 1997/9. p. 14.

⁹¹ PHILIPPINI, 2009, p. 16.

analógico e o modo como lidamos com os símbolos; é também responsável pelo mundo psíquico das imagens e pelos sonhos, e não está sujeito, como o hemisfério esquerdo a compreensão do tempo. É neste hemisfério que decorrem os movimentos da energia psíquica que traz conteúdos inconscientes para o plano da consciência, ou as produções do hemisfério cerebral direito para a compreensão lógica e racional do esquerdo. Sendo assim, o hemisfério esquerdo pode ser chamado de hemisfério da criação, com o qual, por força de sua gênese e constituição, trabalha a arteterapia.⁹²

No campo filosófico, Bachelard sugere que

A imaginação não é como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade, é uma faculdade de sobre-humanidade.⁹³

No campo filosófico, a afirmação de Bachelard faz-se perceber que a imagem se refere a algo que se vê, mas também representa algo que não se vê, porém existe de fato. Essa manifestação entre realidade aparente e realidade não aparente cria um diálogo entre o interno e o externo, o que condiciona o processo dialético a uma nova condição: a condição de dialogar com o intangível por meio da expressividade tangível que o arteterapeuta proporciona ao cliente. A manifestação livre da imaginação, a criação da imagem no material expressivo oferecido pelo arteterapeuta, traz ao real a realidade interna do cliente e a dialética possível entre o hemisfério da lógica e do raciocínio, suscitando novas realidades e novas possibilidades na busca de remissão dos temas evocados por meio das imagens expressadas.

2.5.2 As imagens nas terapias expressivas

O campo das terapias expressivas tem crescido muito desde o início do século XX, com os estudos de C. G. Jung, na Suíça, e nas últimas décadas no Brasil com o desenvolvimento das ações de Nise da Silveira. Neste sentido, a arteterapia é tida como prática terapêutica que engloba as áreas da ciência e da arte,

⁹² DETHLEFSEN, Thorwald; DAHLKE, Rudiger. *A doença como caminho*. 20. ed. Cultrix: São Paulo, 2013. p. 29.

⁹³ BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 17-18.

especialmente quando médicos descobrem na arte um potencial remissivo de sintomas psicológicos disfuncionais. No campo de pesquisa da imagem, da criatividade e da imaginação, a arteterapia transformou-se em uma alternativa para os problemas psicológicos, em um processo em que cada indivíduo encontra possibilidades de expressão de si mesmo e constrói através de técnicas artísticas as possíveis soluções e remissões para o conflito expressado.

A compreensão desse fenômeno manifesto em arteterapia é um tanto complexa, pois abarca conhecimentos de diferentes áreas da ciência, como a Psicologia, a Linguagem e, mais recentemente, as Neurociências: a psicologia como fundamento da fenomenologia do comportamento humano; a linguagem como suporte para o diálogo entre o consciente e o inconsciente manifestado artisticamente; e as neurociências na compreensão dos avanços do funcionamento cerebral, graças a mecanismos que “recortam” o cérebro em diferentes partes para compreender como cada um funciona em termos físicos e químicos. Rodolfo Berg nos fala com propriedade a respeito da imagem na arteterapia:

Não é sinônimo de mundo físico a ser percebido, localizado no espaço-tempo, “imagem não o é que se vê, mas como se vê”. Não se trata, portanto de ser percebida como a montanha, o trem ou aquela que está plasmada na argila feita num trabalho expressivo. “Uma imagem pode ser sem ser percebida, pode estar sem estar representada”.⁹⁴

E também:

Imagem é um processo, um vir-a-ser contínuo, holístico e integral. Em verdade, imagem é o mundo, a vida e a alma de todas as coisas, que se revela a cada instante. Para reconhecê-la é preciso um “coração vivo”, um “olhar poético”, uma “imaginação desperta”.⁹⁵

Berg complementa: “é um fenômeno onde a sua principal característica não é materialidade ou a visibilidade, mas sim a penetrabilidade e a movimentação contínua e perpétua”.⁹⁶ Nessa sequência de raciocínios, entende-se que o discurso da imagem é o discurso do mundo do cliente em arteterapia. O trabalho do arteterapeuta presume considerar que os pensamentos e sentimentos exprimem-se melhor em imagens do que em palavras. Reconhece que o indivíduo, mesmo não

⁹⁴ BERG, 1999, p. 122.

⁹⁵ BERG, 1999, p. 122.

⁹⁶ BERG, 1999, p. 124.

sendo um artista, possui a capacidade de externar seu mundo interno através de imagens construídas com recursos artísticos. A manifestação do conteúdo artístico é potencialmente reveladora na própria imagem em si, busca essa que o cliente faz junto com o Arteterapeuta na sessão quando lhe é questionado a respeito de sua obra e criação. A leitura da imagem é feita pelo próprio cliente e conduzida pelo Arteterapeuta como uma forma de compreender o processo pelo qual aquela imagem manifestou-se e o que essa imagem trouxe junto com ela de significativo para a terapia. Berg ainda recorre ao método metafórico de Hillman para que as imagens possam ser mais facilmente compreendidas,⁹⁷ não apenas pelo seu significado linear, mas até por aquilo que transcende a nossa compreensão.

2.5.3 As terapias expressivas na psiquiatria

Importante ressaltar, ainda que não seja objeto de estudos nesta dissertação, a importância de Nise da Silveira, médica psiquiatra brasileira, com suas atividades expressivas e linguagem simbólica, desenvolvidas no antigo Centro Psiquiátrico Nacional. O processo desenvolvido por Nise da Silveira teve repercussão não apenas no Brasil, mas também em outros países. Ela relata que debruçou sobre as imagens pintadas livremente pelos esquizofrênicos para apreender suas significações.

Um dos caminhos menos difíceis que encontrei para o acesso ao mundo interno do esquizofrênico foi dar-lhe a oportunidade de desenhar, pintar ou modelar com toda a liberdade. Nas imagens assim configuradas teremos autorretratos da situação psíquica, imagens muitas vezes fragmentadas, extravagantes, mas que ficam aprisionadas no papel, tela ou barro.⁹⁸

Nise da Silveira, intrigada com o significado oculto de imagens circulares – mandalas - que seus pacientes faziam no Hospital que ela coordenava no Rio de Janeiro, buscou em C. G. Jung um meio de poder entendê-las. Assim, sabe-se que ela foi uma interlocutora constante com Jung por meio de cartas, onde suas dúvidas foram sanadas e suas convicções foram contempladas. Sua prática está reunida hoje no Museu de Imagens do Inconsciente, o maior acervo mundial de práticas artísticas expressivas de usuários desse serviço de saúde mental. Atualmente, o

⁹⁷ BERG, 1999, p. 124.

⁹⁸ SILVEIRA, Nise da. Retrospectiva de um trabalho vivido no Centro Psiquiátrico Pedro II do Rio de Janeiro. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. IX, n. 1, mar. 2006. p. 149-150.

museu continua em constante movimento, com suas atividades desenvolvidas por outros profissionais atuantes na linha da psiquiatria humanizada. Com reuniões semanais desde a época em que Nise atuava, o Hospital oferece recurso gratuito para estudantes das diversas áreas de pesquisa em saúde mental e terapias expressivas. Também nesse museu, desenvolvem-se estudos científicos sobre o processo psicótico, mediante estudos interdisciplinares entre medicina e psicologia e as contínuas oficinas de terapias expressivas abertas a pacientes em tratamento psiquiátrico aberto, no formato hospital dia.⁹³

2.6 Símbolos

2.6.1 O que são símbolos?

No campo dos estudos da linguagem, que vamos citar rapidamente, pois não se trata do nosso objeto de estudos, é comum a referência a três principais formas de pensamento: a) semântico – aquele que se manifesta por meio de palavras; b) figural – aparece na mente consciente na forma de figuras de objetos do cotidiano; e c) pensamento simbólico – este um pouco mais difícil de compreender, pois, em sua trajetória, o ser humano vai costurando diferentes significados ao seu estar e ser no mundo. Muitas vezes, quando um símbolo emerge no pensamento e depois é transposto para uma imagem, o ser gerador não consegue dar conta de compreender o seu significado, mas ele, o símbolo, está lá, representado, esperando para adquirir significado.

Os estudos junguianos trouxeram uma inesgotável fonte de compreensão para a questão dos símbolos e nos sugerem entendê-los de uma forma histórica, baseado no acúmulo de conhecimentos, experiências, e porque não dizer sabedoria, que o ser humano foi acumulando ao longo dos séculos. A isso Jung denominou arquétipos (arché = antigo, velho; tipos = formas, expressões), que seriam imagens simbólicas da vida vivida desde o desenvolvimento do pensamento humano.⁹⁹ Onde estão os arquétipos? Na mente individual do ser humano e no inconsciente coletivo, isto é, significados compreensíveis por cidadãos de todos os continentes, como se fossem conteúdos universais, que não mudam nem geograficamente, nem

⁹⁹ BRITO, Ênio José da Costa; GORGULHO, Gilberto da S. *Religião ano 2000*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 70.

culturalmente. Jung foi talvez o maior articulador da importância de estudos sobre imagens e símbolos. Ele diz, por exemplo, que

[...] a história do simbolismo mostra que tudo pode assumir uma significação simbólica: objetos naturais (pedras, plantas, animais, homens, vales e montanhas, lua e sol, vento, água e fogo) ou fabricados pelo homem (casas, barcos ou carros) ou mesmo formas abstratas (os números, o triângulo, o quadrado, o círculo). De fato, todo o cosmo é um símbolo em potencial.¹⁰⁰

Seguidora dessa mesma linha, Philippini estabelece pontes e tessituras sobre esse processo, adiantando que a humanidade permanece, desde tempos imemoriais, codificando e ritualizando movimentos. E assevera que, desde as religiões, passando pela alquimia, até os mitos e folclores (cantos e danças), tudo inclui símbolos que “representam a aventura da humanidade na sua busca pelo autoconhecimento e aperfeiçoamento espiritual”.¹⁰¹ É por isso que Jung reflete sobre o fato de que cada um destes símbolos teve uma significação psicológica que se manteve constante, desde as mais primitivas expressões da consciência até as mais sofisticadas formas da arte do século XX.

O que são símbolos? Philippini recorre a Erdinger para, de forma simples e universalmente compreensível, definir o que seja símbolo, palavra originária do grego, composta por *sym* + *bolon*, cujo atributo é “aquilo que é colocado junto”.¹⁰² Já para Reblin, os símbolos têm o poder de ligar diferentes mundos.¹⁰³ Ele ressalta, no entanto, que não se trata de mundos metafísicos ou de qualquer outro espaço dimensional desconhecido, mas do próprio mundo em que o ser humano habita, porém, agora ressignificado.¹⁰⁴ Recorremos também a Alves para aumentarmos essa compreensão do mundo dos símbolos. Ele nos faz pensar que

[...] os símbolos nada mais são do que um horizonte para o qual o ser humano direciona seu caminhar. Eles são as testemunhas de algo ausente, ao mesmo tempo em que eles movem o ser humano em sua direção na tentativa de tornar essa ausência uma presença. Eles são os porta-vozes do desejo e da esperança humana por uma realidade que faça sentido e que satisfaça o ser humano em suas angústias anteriores pela busca de um universo em que ele possa se sentir amado.¹⁰⁵

¹⁰⁰ JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 232.

¹⁰¹ PHILIPPINI, 2001, p. 20.

¹⁰² ERDINGER *apud* PHILIPPINI, 2001, p. 20.

¹⁰³ REBLIN, 2009, p. 119.

¹⁰⁴ REBLIN, 2009, p. 119.

¹⁰⁵ ALVES *apud* REBLIN, 2009, p. 119.

Jung alerta que o ser humano transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhes, assim, enorme importância psicológica) e lhes dá significado, forma, tanto na religião quanto nas artes visuais. Jung refere que a história da religião e da arte está interligada, o que nos leva aos tempos pré-históricos, por meio dos registros deixados, por nossos antepassados, dos símbolos que tiveram especial significação para eles e que, de alguma forma, neles provocaram algum tipo de emoção.

2.6.2 Os símbolos e o processo arteterapêutico

Na arteterapia, o símbolo reúne a energia psíquica e a forma. A energia é o movimento interno inconsciente e a forma aquilo que é expresso na arte e se torna consciente. Segundo Philippini, em Arterapia, símbolo “é o resultado da energia psíquica de quem trabalha e do material expressivo utilizado, plasmando formas, criando e recriando mundos obscuros ou esquecidos, expressando dores e esperanças de vir a ser”.¹⁰⁶

As modalidades expressivas darão cor, forma, e tornarão tangíveis aquilo que se movimenta internamente em cada um. São mediadoras desse processo de trazer para a consciência o movimento interno através da produção simbólica. Por meio dos símbolos, os sentimentos e emoções reprimidas ou apenas “adormecidas” surgem para serem reveladas e trabalhadas. Assim, o indivíduo poder continuar conscientemente seu caminho. Philippini reitera que “os símbolos trazem para os indivíduos a possibilidade de conhecer, compreender, refazer, recuperar, rememorar, reparar, estruturar e transcender”.¹⁰⁷

Esta movimentação interna promove o ressignificar imprescindível para o crescimento interno. Para que ocorra a melhor compreensão de um símbolo, é necessário amplificar o processo terapêutico. Amplificação é o conjunto de estratégias expressivas e plásticas que permitem a melhor compreensão de um símbolo.

A Amplificação simbólica tem o propósito de aumentar a possibilidade de compreensão do significado de um símbolo. No processo arteterapêutico,

¹⁰⁶ PHILIPPINI, 2001, p. 20.

¹⁰⁷ PHILIPPINI, 2001, p. 20.

abrangerá um conjunto de procedimentos expressivos e plásticos, cuja meta é facilitar a apreensão do símbolo pela consciência.¹⁰⁸

Vale ressaltar que amplificação é o conjunto de estratégias expressivas e plásticas que permitem a melhor compreensão de um símbolo. Cada modalidade tem a sua propriedade terapêutica específica. É preciso ter bem claro que o trabalho do arteterapeuta será o tempo todo, amplificar, para que o seu cliente, aquele assistido pelo arteterapeuta, possa compreender os múltiplos significados daquilo que ele próprio produziu. É como se eu dissesse que, quando me organizo para plasmar, algo dentro de mim se organiza também.

Entendemos que o cuidado é fundamental no processo arteterapêutico. Para tanto, o arteterapeuta, para não trair a essência do cuidado, precisará sentir-se sujeito a ser cuidado e sujeito cuidador. Com o objetivo de estabelecer elos entre a Teologia e a arteterapia, podemos agora mostrar como acontecem as atividades práticas e como o sujeito deste processo pode ser ajudado a ir ao encontro de sua plenitude enquanto Ser Humano.

¹⁰⁸ PHILIPPINI, 2001, p. 23.

3 A ARTETERAPIA EM EXERCÍCIO: PROPOSTAS E ATIVIDADES PRÁTICAS

Neste capítulo, apresentamos uma síntese dos materiais utilizados nos procedimentos arteterapêuticos, de forma a permitir uma conexão entre a teoria e a prática, tendo em vista os conhecimentos, tanto no campo da Teologia, como da Psicologia, da Educação, da arteterapia e dos saberes acumulados ao longo de nossa trajetória, a partir da experiência da autora enquanto arteterapeuta. Assim, iniciamos com a apresentação dos materiais, revelando um imenso universo de possibilidades, pois cada um deles terá uma função na expressividade artística, na representação simbólica dos conteúdos inconscientes da psique humana. Trazemos, ainda, um exemplo prático de como deve ser um procedimento em ateliê arteterapêutico, com uma síntese de várias sessões, nas quais são utilizados diferentes materiais, cada um adequado a determinado tipo de revelação interna. Por isso mesmo, fazemos conexões com os valores humanos, aspectos espirituais já que podemos considerá-los como inerentes ao ser humano. Todas as atividades práticas entrelaçam com a Teologia, considerando que “Teologia é uma atividade prática para aqueles que perderam a unidade paradisíaca original, ou para aqueles que ainda não a encontraram”.¹⁰⁹ As atividades propostas buscam um retorno à unidade, despertando potencialidades, incluindo fragmentos e nos aproximando do Criador, seja através das atividades práticas de forma lúdica, seja pintando, criando, construindo móveis, modelando, escrevendo poemas, trazem a alegria e a inocência perdida com o tempo.

Teologia é um brinquedo que faço,
É possível plantar jardins,
Pintar quadros,
Escrever poemas,
Jogar xadrez,
cozinhar,
fazer teologia...¹¹⁰

Assim fazendo, tentamos demonstrar como se processam as sessões em arteterapia e o quanto as atividades expressivas são fontes geradoras de saúde.

¹⁰⁹ ALVES *apud* REBLIN, 2009, p. 143.

¹¹⁰ ALVES *apud* REBLIN, 2009, p. 179.

3.1 Os potenciais dos recursos materiais no processo arteterapêutico

São numerosos os materiais que podem ser utilizados na expressão e ampliação da consciência: lápis, giz, canetas, papéis, tesouras, tintas, massas de modelar, fios, lãs, barbantes, colas, tecidos, arames entre outros. Os recursos da natureza como folhas de árvores ou arbustos, galhos e gravetos, sementes e flores, conchinhas, terras e areias, pedras, penas e cascas de árvores, bem como materiais comestíveis como cereais (feijão, arroz, milho), macarrão, pó de café, além das sucatas como latas, embalagens, retalhos diversos e objetos em geral constituem-se parte da materialidade do processo arteterapêutico.

Cada material tem suas propriedades e propicia um resultado diferente de outros, facilita a experimentação, a expressão das emoções e sentimentos diferentes. Na sua constituição orgânica, nas diferentes possibilidades de uso (corte, junção, mistura e aglutinação) os materiais se distinguem uns dos outros e têm finalidades distintas.

Os recursos materiais em suas formas, volumes, nas texturas, cores, e linhas são os veículos que possibilitam processo arteterapêutico. Como nos fala Pureza Junior, para que o processo “seja executado é necessário que materiais sejam transformados”.¹¹¹ Os materiais são transformados para dar lugar aos símbolos. Como diz Philippini:

Assim algumas linguagens e materiais estarão a serviço do desbloqueio, liberação de conteúdos inconscientes e fluência do processo criativo. Outras estarão favorecendo mais a comunicação e a configuração das informações objetivas, enquanto outras permitem a saída do plano fugidio das idéias, sensações e emoções, para o campo concreto da densidade, peso, volume e texturas. Combinar estas estratégias e complementá-las com outras, advindas de outras áreas de criação, além das artes plásticas, é atividade complexa, que é auxiliada por observação intuitiva mas é também exercício teórico e técnico, resultante do estudo e do conhecimento da natureza harmonizadora e organizadora do fazer artístico, e de suas propriedades terapêuticas específicas inerentes a cada materialidade e a cada linguagem plástica.¹¹²

¹¹¹ PUREZA JÚNIOR, Dimas Lopes. A utilização do Material alternativo em Arte Terapia com Portadores de Deficiência Mental de Baixa Renda. *Imagens da Transformação*, v. 4, n. 4, 1997. p. 39.

¹¹² PHILIPPINI, 2009, p. 18.

3.2 Atividades práticas

Considerando que a arteterapia tem como combustível a Criatividade no sentido de criar do original, do retorno à origem, com o que vem do fundo da alma, da essência, de nosso PAI o Criador, é possível dar um significado a respeito de onde viemos, o que nos traz um comprometimento diante da vida que se reflete na construção pessoal, interpessoal, ecológica e espiritual.

3.2.1 1ª atividade: Gênesis: o ser humano como co-criador da vida

Reflexões

Criar é um processo que remonta as origens, tanto do ser humano, como do mundo e do universo. Na Bíblia Sagrada, o livro chamado Gênesis aborda o início da vida, o nascimento de toda forma de existência manifesta.

Na Gênesis, o Criador começou do caos e, em sete dias, criou o mundo em todas as suas manifestações num processo contínuo de início, meio e fim. Nachmanovitch afirma que as propriedades curativas da arte inerentes a todo trabalho criativo evocam as profundezas da alma humana, aquele início e fim últimos inscritos na totalidade da psique e do mundo. “A origem e o fim último do trabalho criativo residem, portanto, na totalidade da psique, que é a totalidade do mundo. Daí as propriedades curativas da arte”.¹¹³ Por sua vez, Jung afirma que

[...] o homem é indispensável à perfeição da criação... é o segundo criador do mundo [...] sem poder ser ouvido, devorando silenciosamente, gerando, morrendo, abanando a cabeça através de centenas de milhões de anos, o mundo se desenrolaria na noite mais profunda do não-ser, para atingirem fim indeterminado. A consciência humana foi a primeira criadora da existência objetiva e do significado: foi assim que o homem encontrou o seu lugar indispensável no grande processo do ser.¹¹⁴

Vale mencionar outro elemento importante da criação divina, o de que criar é bom: “[...] E Deus viu que era bom...”. A expressão “[...] E Deus viu que era bom...” aparece após cada etapa da criação do mundo, retratando o quanto foi bom para o próprio Criador o ato de CRIAR. Na atividade arteterapêutica da Gênesis, a criatura (cliente) terá a oportunidade de criar e recriar as próprias origens e as do mundo, dando-lhes novo sentido. Para Ostrower, “ao exercer o seu papel criador,

¹¹³ NACHMANOVITCH, 1993, p. 169

¹¹⁴ JUNG *apud* GRINBERG, L. P. *Jung: o homem criativo*. São Paulo: FTD, 1997. p. 210.

trabalhando, criando em todos os âmbitos do seu fazer, o homem configura a sua vida e lhe dá um sentido”.¹¹⁵

Um outro aspecto relevante da criação é o fato de que teve início, meio e fim, indicando ordem, integração, vínculo, relação e unidade entre todas as coisas criadas. A Bíblia sugere que foi intencional a ordenação de um “sistema”, palavra que deriva do grego *synhistanai* (colocar junto). Segundo Capra, “entender as coisas sistematicamente significa, literalmente, colocá-las dentro de um contexto, estabelecer a natureza de suas relações”.¹¹⁶

3.2.1.1 Atividade 1.1

Tema: “Faça-se a luz!”

Recursos materiais: papéis de diferentes tipos e cores, opacos, transparentes, luminosos, tesoura, cola branca e colorida, glitter, tinta, barbantes.

Objetivo: Fortalecer a consciência da luz interior.

Introdução:

No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra estava deserta e vazia, as trevas cobriam o oceano e um vento impetuoso soprava sobre as águas. Deus disse: “Faça-se a luz!” E a luz se fez. Deus viu que a luz era boa. Deus separou a luz das trevas. E à luz Deus chamou “dia”, às trevas chamou “noite”. Fez-se tarde e veio a manhã: o primeiro dia. (Gênesis, 1:1-5).¹¹⁷

Procedimento:

Relaxamento breve:

- ✓ De olhos fechados, entrar em contato com tudo que trouxe luz à sua vida (momentos, pessoas, ideias, sentimentos, memórias, entre outros). Escolher os mais significativos e representá-los simbolicamente.
- ✓ Compartilhar.
- ✓ Pintar a sua luz interior.
- ✓ Reflexão: O quanto minha luz interior foi ampliada por situações vividas.
- ✓ Compartilhar.

¹¹⁵ OSTROWER, 1987, p. 166.

¹¹⁶ CAPRA, 1997, p. 39.

¹¹⁷ BÍBLIA SAGRADA, 1988.

3.2.1.2 Atividade 1.2

Tema: “Faça-se um firmamento”.

Recursos materiais: instrumentos redondos e côncavos como guarda-chuva, de preferência preto, taças, tigelas, placas, peneiras, cartolinas, papéis coloridos dos mais diferentes tipos, colas, tesoura, e diferentes tipos de fios como barbantes, lãs, linhas, entre outros.

Objetivo: Propiciar a possibilidade de integração entre a ordem transcendente do divino e a ordem imanente do humano.

Introdução:

Deus disse: faça-se um firmamento entre as águas, separando uma das outras. E Deus fez o firmamento. Separou as águas que estavam debaixo do firmamento das águas que estavam por cima do firmamento. E assim se fez. Ao firmamento Deus chamou Céu. Fez-se tarde e veio a manhã: o segundo dia (Gênesis 1:6-8).¹¹⁸

Reflexão:

O céu é o símbolo complexo da **ordem sagrada do universo**, que ele revela pelo movimento circular e regular dos astros, e que esconde sugerindo apenas a noção de ordens invisíveis, superiores ao mundo físico, a ordem transcendente do divino e a ordem imanente do humano.¹¹⁹

O céu é muitas vezes representado por uma redoma, uma taça emborcada, uma cúpula, um pátio, um para-sol, uma sombrinha, uma pomba, um guarda-chuva, pivotando em torno do seu eixo, ou pelo coração do homem.¹²⁰

Procedimento:

- ✓ Simbolize o céu.
- ✓ Compartilhar.

3.2.1.3 Atividade 1.3

Tema: A Árvore-Eixo do Mundo

¹¹⁸ BÍBLIA SAGRADA, 1988.

¹¹⁹ DICIONÁRIO DOS SÍMBOLOS, p.227.

¹²⁰ DICIONÁRIO DOS SÍMBOLOS, p.228.

Recursos Materiais: galhos, folhas, sementes, argila, diferentes tipos de suporte (vasos, potes, discos redondos de madeira, entre outros).

Objetivo:

- Promover a interrelação existente entre si mesmo e a natureza.
- Vivenciar e ressignificar o ciclo da vida.
- Reconhecer e valorizar o que já frutificou até o momento.

Introdução:

Deus disse: Juntem-se as águas que estão debaixo do céu num só lugar e apareça o solo firme. E assim se fez. Ao solo Deus chamou terra e ao ajuntamento das águas, mar. E Deus viu que era bom. Deus disse: A terra faça brotar vegetação: plantas, que dêem semente, e árvores frutíferas, que dêem fruto sobre a terra, tendo em si a semente de sua espécie. E assim se fez. A terra produziu vegetação: plantas, que dão a semente de sua espécie, e árvores, que dão fruto com a semente da sua espécie. E Deus viu que era bom. Fez-se tarde e veio a manhã: o terceiro dia (Gênesis 1:11-13).¹²¹

Reflexão:

Simbologia da árvore:

Símbolo da vida, em perpétua evolução e ascensão para o céu, ela evoca todo o simbolismo da verticalidade [...] é por vertical, é porque cresce, perde suas folhas e torna a recuperá-las, e porque, conseqüentemente se regenera: morre e renasce inúmeras vezes [...] serve também para simbolizar o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração. Sobretudo as frondosas evocam um ciclo, pois se despojam e tornam a recobrir-se de folhas todos os anos. [...] pelo fato de suas raízes mergulharem no solo e de seus galhos se elevarem para o céu a árvore é universalmente considerada como símbolo das relações que se estabelecem entre a terra e o céu. Por isso, tem o sentido de centro, e tanto é assim, que a Árvore do Mundo é um sinônimo do Eixo do Mundo.¹²²

Procedimento:

- ✓ Caminhada silenciosa entre vegetação com árvores de diferentes espécies;
- ✓ Observação silenciosa de diferentes árvores;
- ✓ Observação da tríade relacional: árvore, terra e céu;
- ✓ Refletir a respeito do que te inspira na terra e no céu;
- ✓ Construção de uma árvore frutífera, relacionando cada fruto com algo que já frutificou em sua vida;

¹²¹ BÍBLIA SAGRADA, 1988.

¹²² CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alais. *Dicionário de Símbolos*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 84.

✓ Compartilhar.

3.2.1.4 Atividade 1.4

Tema: Entre luzes e sombras

Recursos Materiais: Papéis camurça preto e branco, tesoura e cola.

Objetivos:

- Facilitar a aceitação dos aspectos luz e sombra em si mesmo;
- Compreender que as sombras do inconsciente são o desconhecido e quando trabalhadas, podem ser clareadas, criando novas percepções na consciência.

Introdução:

Deus disse: Façam-se luzeiros no firmamento do céu para separar o dia da noite. Que sirvam de sinal para marcar as festas, os dias e os anos. E como luzeiros no firmamento do céu, sirvam para iluminar a terra. E assim se fez. Deus fez os dois grandes luzeiros: o luzeiro maior para governar a noite, e as estrelas. Deus os colocou no firmamento do céu para alumiar a terra, governar o dia e a noite e separar a luz das trevas. E Deus viu que era bom. Fez-se tarde e veio a manhã: o quarto dia (Gênesis 1:14-19).¹²³

Sol: Os autores Chevalier e Gheerbrant trazem muitas interpretações do significado do sol, entre elas destaco:

Para uns é o “próprio deus”, “filho criador”, “figura divina favorável ao homem”, “fecundador”, “imortal que nasce toda manhã e se põe toda noite no reino dos mortos”, “devorador”, “bem”, “vivificador”, “ancião dos dias”, “origem de tudo que existe”, “destruidor”, “vida-morte”, “ressurreição”, “ressurreição e imortalidade”, “está no centro do céu como o coração no centro do ser”, “o Espírito universal”, “inteligência cósmica”, “Sol-buda”, “sol-Cristo”, “Sol invictus”(invencível), “Símbolo universal do rei”, “é por um metal o ouro”, “representado por uma águia”, “olho de Gueno (deus)”, o sol é fêmea (mãe sol)”, tudo que é belo, amável, esplêndido”, “olho do dia, “autoridade”, “sexo masculino”, “pai”, “símbolo da região do psiquismo”, “a opressão social de Durkheim”, “a censura de Freud”, “é o intelecto, o superconsciente para Paul Diel”, “sol negro é uma pré-representação das forças destrutivas em um indivíduo, em uma sociedade ou no universo”, “décimo nono arcano maior do Tarô e um dos mais enigmáticos”, “o sol nos mostra a verdade de nós mesmos e do mundo, o sol aguça a consciência dos limites, é a luz do conhecimento e a força da energia.¹²⁴

Lua:

¹²³ BÍBLIA SAGRADA, 1988.

¹²⁴ CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 561.

É em correlação com o simbolismo do Sol que se manifesta o da Lua. Suas duas características mais fundamentais derivam, de um lado, de a Lua ser privada da luz própria e não passar de um reflexo do Sol; de outro lado, de a Lua atravessar fases diferentes e mudanças de forma. É por isso que ela simboliza a dependência e o princípio feminino (salvo exceção), assim como a periodicidade e a renovação. Nessa dupla qualificação, ela é símbolo de transformação e de crescimento.¹²⁵

Estrela:

No que concerne à estrela, costuma-se reter sobretudo sua qualidade de luminar, de fonte de luz. As estrelas representadas na abóbada de um templo ou de uma igreja dizem respeito, especificamente, ao significado celeste desses astros. Seu caráter celeste faz com que eles sejam também símbolos do espírito e, particularmente, do conflito entre as forças espirituais (ou de luz) e as forças materiais (ou das trevas). As estrelas traspassam a obscuridade; são faróis projetados na noite do inconsciente.¹²⁶

Procedimento:

1ª parte:

- Fazer movimentos corporais opostos: abrir e fechar os olhos; os braços; caminhar de olhos abertos e de olhos fechados; para frente e para trás; rápido e lentamente; caminhar de formas diferentes do habitual;
- Criar livremente, utilizando apenas 100% de duas folhas de papel camurça: uma preta e branca, além de cola e tesoura;
- Refletir sobre o processo desenvolvido;
- Compartilhar.

2ª parte:

- Escolher um dos três elementos para confeccionar: sol (representação masculina), lua (representação feminina) ou estrela (potenciais e talentos ocultos);
- Qual o significado para você do símbolo escolhido?
- Compartilhar.

3.2.1.5 Atividade 1.5

Temas: 1ª parte - Peixes em Águas Fecundas

2ª parte – Aves do Céu Infinito

Recursos Materiais: tinta aquarela.

¹²⁵ CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 561.

¹²⁶ CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 404.

Objetivos: Reflexão sobre o nascimento.

Introdução:

Deus disse: “Fervilhem **as águas de seres vivos** e voem pássaros sobre a terra no espaço de baixo do firmamento”. Deus criou os grandes monstros e todos os seres vivos que nadam fervilhando nas águas, segundo as suas espécies e todas **as aves**, segundo suas espécies. E Deus viu que era bom. Deus os abençoou com as palavras: “Sedes fecundos e multiplicai-vos e enchei as águas do mar e multipliquem-se as aves sobre a terra”. Fez-se tarde e a manhã. Fez-se tarde e veio a manhã: o quinto dia (Gênesis 1:20-23.).¹²⁷

1ª parte: Reflexão:

“O peixe é, bem entendido, o símbolo do elemento água, dentro do qual ele vive” [...] o peixe está associado ao nascimento ou à restauração cíclica [...] ele é ao mesmo tempo Salvador e instrumento da Revelação”. No cristianismo está associado à figura do Cristo que aparece como pescador, sendo os cristãos, por sua vez, peixes. Segundo Chevalier e Gheerbrandt, o peixe também é um símbolo do alimento eucarístico e do psiquismo interior.

Procedimento:

Visualização criativa:

Imagine o oceano em seus movimentos ondulantes. Imagine-se iniciando o seu processo de gestação. Você está em formação e, em um dado momento, como embrião você vive de forma semelhante à de um peixe.

- ✓ Pintar com tinta aquarela esse momento, o seu processo gestacional;
- ✓ Compartilhar.

2ª parte: Reflexão

As aves têm diferentes significados, variam de acordo com a espécie: pombos, coruja, águia, cisne, entre outros.

Procedimento:

Visualização criativa:

¹²⁷ BÍBLIA SAGRADA, 1988.

Imagine você sentado em uma montanha. Olhe o céu infinito e deixe como as aves seus pensamentos livres para voar.

Depois de um tempo, pinte livremente uma ave.

✓ Compartilhar.

3.2.1.6 Atividade 1.6

Tema: Criação animais terrestres e homem/mulher

Recursos Materiais: argila, massa de modelar colorida, cola, palitos, sucatas, base circular de madeira.

Objetivos:

- Refletir sobre o papel do ser humano como o cuidador da criação.
- Conscientizar de que a ansiedade humana provém de uma necessidade básica não atendida, é uma consequência de não ter sido suprido todos os cuidados necessários.

Introdução:

Deus disse: Produza a terra seres vivos segundo suas espécies, animais domésticos, répteis e animais selvagens, segundo suas espécies. E assim se fez. Deus fez os animais selvagens segundo suas espécies, os animais domésticos segundo suas espécies e todos os répteis do solo segundo suas espécies. E Deus viu que era bom. Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e segundo nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos e todos os animais selvagens e todos os répteis que se arrastam sobre a terra”. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, macho e fêmea ele os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei e subjugai a terra! Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre tudo que vive e se move sobre a terra. Deus disse: Eis que vos dou toda erva de semente, que existe sobre toda a face da terra, e toda árvore que produz fruto com semente, para vos servirem de alimento. E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a todos os seres vivos que rastejam sobre a terra, eu lhes dou todos os vegetais para alimento”. E assim se fez. E Deus viu tudo quanto havia feito e achou que estava muito bom. Fez-se tarde e veio a manhã: o sexto dia (Gênesis 1:29-31).¹²⁸

Reflexão:

Quando Deus disse:

¹²⁸ BÍBLIA SAGRADA, 1988.

Façamos o homem à nossa imagem e segundo nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, aves [...], esse domínio foi no sentido do cuidar, do mordomo, aquele que administra, serve e cuida. Na verdade o “dono” é Deus, o supremo criador, mas ele delegou ao ser humano a tarefa do cultivar e guardar. O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e guardar. (Gênesis 1:26-2.17)¹²⁹

Procedimento:

- ✓ Visualização criativa: visualizar os momentos marcantes na sua vida onde sentiu a segurança e a alegria de ser cuidado;
- ✓ Utilizando a placa de madeira redonda como base, representar essa nova relação entre os seres humanos e animais terrestres;
- ✓ Compartilhar.

7º dia: A obra estava acabada – Deus descansou

Tema: Descanso

Recursos Materiais: aparelho de CD, um CD com a música SE EU QUISER FALAR COM DEUS.

Objetivos: Entrar em contato e vivenciar o ócio.

- Esvaziar o ego e sentir a presença divina

Introdução:

E assim foram concluídos o céu e a terra com todo seu aparato. No sétimo dia Deus considerou acabada toda a obra que havia feito e no sétimo dia descansou de toda a obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, porque neste dia Deus descansou de toda a obra da criação. Esta é a história das origens do céu e da terra, quando foram criados. (Gênesis 2:1-4).¹³⁰

Procedimento:

- De olhos fechados, respirar profundamente, esvaziar a mente, ao som da música: SE EU QUISER FALAR COM DEUS;¹³¹
- Apenas sentir o momento;

¹²⁹ BÍBLIA SAGRADA, 1988.

¹³⁰ BÍBLIA SAGRADA, 1988.

¹³¹ GIL, Gilberto. *Se eu quiser falar com Deus*. Disco: Luar, 1980. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/se-eu-quiser-falar-com-deus.html>>. Acesso em: 8 maio 2013.

- Compartilhar com sons, movimentos, mas sem o uso da palavra.

3.2.2 2ª atividade: Criação do Homem e da Mulher

Objetivo:

- Conscientizar o homem e a mulher como seres ao mesmo tempo independentes e interdependentes.

Introdução:

Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem se tornou ser vivo. [...] E o Senhor Deus disse: Não é bom que o homem esteja só. Vou-lhe fazer uma auxiliar que lhe corresponda. [...] E o homem deu nomes a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens. Mas entre todos eles não havia para o homem um auxiliar que lhe correspondesse. Então o Senhor Deus fez cair um sono profundo sobre o homem e ele adormeceu. Tirou-lhe uma das costelas e fechou o lugar com carne. Depois, da costela tirada o homem, o Senhor Deus formou a mulher e apresentou ao homem. (Gênesis 2:7-22).¹³²

Reflexão: O símbolo retratado no fato da mulher ser feita exatamente do mesmo material que o homem reflete o companheirismo de dois seres que estão na mesma estatura emocional e espiritual, podendo compactuar do mesmo nível de vivência.

Recursos materiais: somente argila.

Justificativa do recurso material:

Ao tentar como analista encontrar uma massa imaginária, uma massa originária, apta a receber a forma de minha própria matéria em ação e paixão, uma massa que fosse o ventre, o seio, útero, a água, o mercúrio, o princípio de assimilação e o princípio de unidade radical da vida, percebi que na terra úmida do inconsciente e da imaginação cosmizante da matéria, as operações manuais induziam a imagem do homem feito do barro e retornando ao barro.¹³³

Outro aspecto importante é que ADAM, nome dado ao primeiro homem significa terra. O próprio cliente, ou como se refere Gouvêa, o analisando, com suas características biológicas é parte integrante desse processo.

¹³² BÍBLIA SAGRADA, 1988.

¹³³ PINHEIRO, Gouvêa Álvaro de. *Sol da terra: o uso do barro em psicoterapia*. São Paulo: Summus, 1989. p. 55-56.

O cosmo do barro, da argila, oferece um universo imediato e se vincula às quatro raízes, províncias matrizes de nosso universo: o ar, a água, a terra e o fogo. O analisando junto ao barro vive no espaço intermediário. De um lado a massa fria, as trevas. Do outro, o calor de suas mãos, a luz, o sopro de vida.¹³⁴

Reflexão:

O homem é indispensável à perfeição da criação [...] é o segundo criador do mundo [...] sem poder ser ouvido, devorando silenciosamente, gerando, morrendo, abanando a cabeça através de centenas de milhões de anos, o mundo se desenrolaria na noite mais profunda do não-ser, para atingirem fim indeterminado. A consciência humana foi a primeira criadora da existência objetiva e do significado: foi assim que o homem encontrou o seu lugar indispensável no grande processo do ser.¹³⁵

Procedimento:

1ª parte: Sentado ou deitado, de uma maneira bem confortável, de olhos fechados ouvir o poema Cântico da Terra de Cora Coralina:

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.
Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranqüila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.
Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.
A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.
E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranqüilo dormirás.
Plantemos a roça.
Lavremos a gleba
Cuidemos do ninho,

¹³⁴ PINHEIRO, 1989, p. 55-56.

¹³⁵ JUNG *apud* GRINBERG, 1997, p. 210.

do gado e da tulha.
 Fartura teremos
 e donos de sítio
 felizes seremos.¹³⁶

2ª parte: o cliente recebe um pedaço de argila que preencha as suas duas mãos em posição cuia.

- Explorar de várias maneiras a argila: sentir, acariciar, beliscar, bater.
- Fazer uma bola com toda a argila, simbolizando o início.
- Construir o Homem e a Mulher livremente.

Compartilhar

3.2.3 3ª atividade: Phoenix – representação do pássaro de fogo

Tema: Vitalidade do Ser – resgate da energia vital transformadora.

Recursos materiais: CD de Igor Stravinski, The Firebird Suite, disco de Isopor e massa de modelar de cera colorida.

Objetivo: Transformar a energia estagnada em uma nova possibilidade.

Introdução:

O Phoenix é o pássaro mitológico cuja história simboliza a energia extinta e resgatada nela mesma em uma nova forma (morte do pássaro *versus* seu renascimento). Esse resgate energético possibilita ao cliente uma ideia de que conteúdos ocultos podem ser queimados à luz da consciência para que a própria consciência os faça renascer em novas ações práticas. O pássaro, neste caso, tem a função de ser o representante figurativo desta transformação.

Reflexão: O que precisa ser transformado em nossa vida?

Procedimento: Materializar uma cena do pássaro mitológico Phoenix.

- ✓ Contar a história da Phoenix.
- ✓ Colocar o CD The Firebird Suite e pedir que as pessoas fechem os olhos e ouçam toda a música, tentando enxergar nela as imagens da história contada.
- ✓ Construir na base de isopor a imagem do pássaro Phoenix e seu cenário.
- ✓ Elencar as áreas da vida que estão precisando de energia vital de transformação.
- ✓ Compartilhar as experiências.

¹³⁶ CORALINA, C. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2001. p. 210-211.

3.2.4 4ª atividade: Renascimento – mamífero voador (terra e céu integrados)

Tema: Renascimento entre realidade e imaginação.

Recursos materiais: Galho de árvore pequeno com bastante ramos, vasinho, pedrinhas, fio, papel preto, cola, tesoura.

Objetivo: Fortalecer o uso da coragem, força e determinação na busca de resoluções saudáveis para cada um dos temas revelados. Materializar o mensageiro entre o mundo real e o mundo das ideias e resgatar mensagens ocultas.

Introdução:

“Morcegos voam a noite e seus sonhos nascem a noite. São estes sonhos que constroem as gerações futuras; alimente-os bem, portanto”.¹³⁷ Com a afirmação de Sams, podemos assegurar a característica simbólica do morcego de ser o “transeunte voador” das imagens do inconsciente (do mundo das ideias). O alimentar bem aos morcegos alude à busca que devemos nutrir via ato criativo no processo arteterapêutico. Sendo assim, haverá um trânsito saudável de ideias entre o inconsciente e o consciente trazido pelo voo simbólico do morcego na manipulação arteterapêutica.

Pendurar-se de cabeça para baixo (o morcego) é uma metáfora para a eliminação de seu antigo ego, propiciadora do renascimento como um novo ser, evocando a posição adotada pelos bebês no momento de deixarem a proteção do ventre materno, emergindo para uma nova vida no mundo exterior.¹³⁸

Sendo assim, imaginar temas e ideias trazidas pelo morcego remete a conteúdos do ego a serem trabalhados na ação arteterapêutica e também assuntos que deverão ser ressignificados para o mundo da imaginação. A referência desta atividade ao renascimento dá-se especialmente pelo processo de abandono de um padrão de comportamento (morte do padrão) que não corresponde mais ao nível de evolução ao qual o cliente esteja no momento (nova vida). É necessário que o cliente renasça para um novo padrão comportamental ao assumir novas responsabilidades ou até uma nova função na vida.

¹³⁷ SAMS, Jamie. *Cartas Xamânicas: a descoberta do poder através da energia dos animais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 229.

¹³⁸ SAMS, 2000, p. 228.

Reflexão: quais as mensagens do mundo da imaginação que cada morcego está trazendo consigo?

Procedimento:

- Fazer uma breve interiorização com música suave, pedindo que o cliente visualize uma árvore com morcegos numa floresta densa;
- Construir a base da árvore com o vasinho e as pedras e fixar o galho na base;
- Construir e recortar morcegos;
- Fixar os morcegos na árvore com o fio;
- Referir uma mensagem trazida do mundo das ideias para cada morcego colocado na árvore;
- Socializar a árvore e as mensagens trazidas de cada morcego aplicado.

3.2.5 5ª Atividade: Tempo – do tempo do relógio ao tempo da alma

Tema: O tempo e a atemporalidade.

Recursos materiais: cascas de ovo branco, base circular de isopor, miolo de relógio, cola, tinta guache.

Objetivo: vivenciar o tempo da alma ao construir um marcador do tempo cronológico.

Introdução:

Segundo a mitologia grega, Cronos é filho de Urano e Gaia. Cronos, mesmo que não seja identificado a Chronos, tem o mesmo papel do tempo: devora, tanto quanto engendra; destrói suas próprias criações.¹³⁹ Urano ocultava sistematicamente seus filhos, ao nascerem, no corpo de Gaia. Revoltada, ela convence Cronos a enfrentar Urano. Ao lutarem, Urano acaba sendo castrado por Cronos, que assume o poder. Ele se casa com Réia e tem vários filhos. Porém, ao se tornar o soberano, Cronos aprisiona seus irmãos e passa a devorar sistematicamente seus próprios filhos logo após terem nascido, por receio a uma profecia lançada por Urano, segundo a qual Cronos também seria destronado por um filho. Entretanto, um dos filhos de Cronos, Zeus nasce e se refugia em uma gruta, onde cresce em segurança. Mais tarde, Zeus enfrenta Cronos e o faz libertar os outros filhos que havia engolido.

O termo Kairós refere-se tanto a uma personagem da mitologia, quanto a uma antiga noção grega para referir-se a um aspecto qualitativo do tempo. A palavra

¹³⁹ GRIMAL *apud* CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 307.

Kairós, em grego, significa *momento certo*. Sua correspondente em latim, *momentum*, refere-se ao *instante*, ocasião ou *movimento* que deixa uma impressão forte e única para toda a vida.¹⁴⁰

Reflexão:

O dia e a noite, as estações do ano, as fases da lua são exemplos de ciclos ordenados de um determinado tempo que transcorre e se repete constantemente na história da humanidade. Assim, o ser humano pode calcular as primeiras medidas do tempo que transcorria, até evoluir e fragmentar essas medidas em horas, minutos e segundos como são hoje convencionadas. Este é então o TEMPO DE CHRONOS: é o tempo cronológico, matemático, fixo e constante. É um tempo pulsante, consequência da própria evolução do ser humano e da sua necessidade de dividir o tempo em frações, para que os estados mentais se manifestem de acordo com seu planejamento sobre as frações. São mais conhecidos como centésimos, segundos, horas, dias, semanas, meses, anos, décadas, séculos e milênios.

Já o tempo no interior do ser é um elemento presente no aqui agora que só com o transcorrer dá ao ser humano a noção do que passou e por meio da imaginação, noção do que virá. Esse tempo do aqui agora é um tempo presencial, onde a consciência tem a possibilidade de agir no momento em que percebe, que processa e que é estimulada pela Força Vital do Espírito Interior. Este então é o TEMPO DE KAIRÓS: é o tempo livre da cronologia. Também conhecido como o “tempo da alma” é um tempo mais relativo, mais processual do que sistemático. É um tempo que transcorre sem o calcular das horas. Um tempo percebido e muitas vezes incompreendido. É um tempo emocional, é a reflexão e a ação na prática, é o movimento da Alma que passa a fazer parte da realidade objetiva, sem pressa e sem temporalidade.

Atividade: Qual o tempo que transcorre enquanto construímos um relógio marcador de tempo?

Procedimento:

- Fragmentar as cascas de ovo;

¹⁴⁰ WEBSTER. *Merriam Webster's Third New International Dictionary*. Springfield: Merriam-Webster, 1993.

- Diluir tinta guache em água e mergulhar algumas cascas fragmentadas nas cores desejadas, para formar desenhos com cores diferentes;
- Dividir a circunferência em 12 partes iguais;
- Colar primeiro as cascas formando os números, com uma cor desejada;
- No meio, formar um desenho de um símbolo desejado com as outras cores;
- Preencher o espaço restante com a casca natural branca;
- Passar cola branca por cima de todo o trabalho com pincel;
- Montar o miolo do relógio por trás do trabalho.

Depois de percorrermos esses caminhos teóricos e práticos, trazendo as reflexões de importantes autores das diferentes áreas exploradas nesta dissertação, já nos encaminhamos para as considerações finais, nas quais pretendemos mostrar o quanto a arteterapia pode ser útil na (re)descoberta da sacralidade em cada ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema inicialmente formulado nesta dissertação de mestrado traz uma série de respostas pertinentes sobre a complexidade do ser humano, à espiritualidade, arteterapia, criatividade, saúde e educação, tendo em vista a trajetória e o fazer profissional desta pesquisadora, na busca pela formação do ser humano integral, em todas as suas dimensões. Sabe-se, pela revisão bibliográfica e pela observação terapêutica, que este ser humano integral tão desejável neste século XXI só poderá ser consolidado se ele, primeiro, transformar-se a si próprio, resgatando valores familiares e universais, para depois, ou simultaneamente, ajudar a transformar o seu semelhante e ao planeta, promovendo o tão necessário re-ligar com o Criador. Percebe-se, diante desta perspectiva, que a arteterapia disponibiliza, sim, variados instrumentos para o desenvolvimento humano na perspectiva integral.

Estas considerações confirmam a hipótese inicialmente levantada. Pode-se apontar agora, com clareza, que Cuidar, é, sim, um refinamento e um dos propósitos da vida, desde que entendida sob a perspectiva de transcendência ou um projeto do seu Criador. Procurou-se, ao longo desta pesquisa, deixar claro que a arteterapia se constitui em um dos caminhos do cuidar-se, aqui entendido como uma tradição milenar de utilizar diversos recursos artísticos como modo de conhecer-se, comunicar-se, relacionar-se e estar no mundo de forma harmônica. A questão da arte, sabe-se pelos registros históricos e pelas pesquisas mais recentes, encontra-se presente na vida do ser humano desde os tempos primevos, como atestam desenhos rupestres encontrados nas cavernas de alguns países, principalmente França e Brasil. Naquela época, os seres humanos desenhavam imagens, buscando representar, organizar e significar o mundo em que viviam; utilizavam recursos como danças, cantos, tatuagens e pinturas em rituais de cura, de poder e de invocação às forças da natureza.

Mostrou-se, com a revisão bibliográfica e a sugestão de procedimentos arteterapêuticos praticados por esta pesquisadora, que a arteterapia, por sua gênese, tem como uma de suas metas promover os aspectos criadores como fator de saúde e de transformações dos estados conflituosos, visando transformar energias destrutivas em construtivas. Numa atividade arteterapêutica, o profissional

habilitado utiliza as formas expressivas da arte, sem preocupações estéticas ou estilísticas, para ajudar o seu cliente a contatar-se com aspectos do seu inconsciente, de forma a solucionar conflitos e dificuldades atuais, assim como acordar habilidades adormecidas. Ao fazer este resgate, está o cliente/paciente conectando-se às mais profundas memórias, imagens e sentimentos de sua trajetória fragmentada, mas sempre em busca de sua transcendência, como uma meta a ser atingida em algum momento de sua existência.

Em sua prática arteterapêutica, esta pesquisadora tem constatado que os resultados serão tão mais efetivos quanto maior for o domínio que o profissional tem da teoria e das técnicas de criatividade. Por esse motivo, sugere-se que a criatividade seja a mola propulsora da arteterapia. Criatividade deve ser entendida não somente no sentido do diferente, do novo, da originalidade, mas também do criar do original, do retorno à origem, com o que vem do fundo da alma, da essência, de nosso PAI, o Criador. Dessa forma, percebe-se, será sempre possível entender de onde viemos e o que nos honra, mesmo com todos os desafios e responsabilidades que a construção de um mundo mais justo exige.

A dissertação perpassa, ainda, os conceitos teóricos sobre imagens e símbolos no processo arteterapêutico. Constatou-se que o profissional desta área necessita possuir um amplo domínio dessa teoria para compreender como esses elementos se refletem nas práticas expressivas no ambiente do ateliê terapêutico. Entenda-se como compreender para ajudar, mas sem interferir, no conceito amplo do que seja escuta terapêutica. Ao compreender as imagens e os símbolos dessa produção, ele estará apto a programar suas atividades seguintes, de forma a permitir a emersão dos conteúdos inconscientes de seu cliente. A manifestação das imagens e símbolos, nessa prática, cria, efetivamente, um diálogo entre o interno e o externo, uma criação livre, pois isenta dos crivos do pensamento racional, já que a produção artístico-expressiva está associada ao emocional, intuitivo, criativo, do ser humano.

Pode-se afirmar, portanto, que linguagens carregadas de imagens e símbolos, decorrentes do processo arteterapêutico, atuam de forma inequívoca no desbloqueio e liberação de conteúdos inconscientes do ser humano, não só aqueles decorrentes de sua própria estrutura psíquica, mas também aqueles chamados sociais e transcendentes. A proposta da arteterapia é, sempre, levar o humano ser à

sua totalidade, incluindo sua necessária re-ligação com o Criador. Assim, é possível verificar que a arteterapia é fundamental para recompor o ser humano multifacetado e reiteirá-lo a um olhar interdisciplinar e polissêmico que é capaz de conectá-lo com o mundo, a natureza e as pessoas, em sua integridade, motivando-o para o cuidado. A pesquisa retoma e confirma, portanto, a suspeita das perguntas motivadoras, isto é, se “a arteterapia pode contribuir com o processo integrador do indivíduo, evidenciando na consciência um ser humano em sua inteireza?” e se “a Arteterapia disponibiliza instrumentos para o cuidar e cuidar-se, despertando a consciência do humano integral”.

Nessa direção, a arteterapia se torna um locus para pensar e fazer teologia, e, sobretudo, para verificar qual teologia pode emergir dos exercícios arteterapêuticos, no processo do ser humano se estruturar e, nesse movimento, estruturar o mundo à sua volta, por meio do exercício da criatividade (a atividade de criar) e dos símbolos evocados nesse processo. Entende-se, finalmente, que estes estudos sobre arteterapia e Espiritualidade estão ainda em uma fase inicial e que novos levantamentos bibliográficos possam ser feitos por outros pesquisadores ou mesmo por esta autora em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ALLESSANDRINI, Cristina Dias. A Criatividade na Educação para a Paz. *Arte-Terapia*, São Paulo, v. 2, n. 2, 1998.

ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. São Paulo: Papirus, 2002.

ALVEZ-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSNADJER, Fernando. *O método nas ciências sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

ANDRADE, L. Q. *Terapias expressivas: uma pesquisa de referenciais teórico-práticos*. São Paulo: Vetor, 1993.

ARCURI, Irene Gaeta. Arteterapia: um novo campo do conhecimento. In: ARCURI, Irene Gaeta (Org.). *Arteterapia: um novo campo do conhecimento*. São Paulo: Vetor, 2006. p. 19-37.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BERG, Rodolfo. Arteterapia. *Imagens da Transformação*, Rio de Janeiro, v. 6, 1999.

BERNARDO, Patrícia Pinna. Arteterapia: a arte a serviço da vida e da cura de todas as nossas relações. In: ARCURI, Irene Gaeta (Org.). *Arteterapia: um novo campo do conhecimento*. São Paulo: Vetor, 2006. p. 73-115.

_____. *A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos*. São Paulo: edição da autora, vol. 1, 2008.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

BÍBLIA SAGRADA. 4a. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

BISSOLI, Sidney da Silva Pereira. O conceito de transferência nos “estudos sobre a histeria”: (BREUER & FREUD, 1895). *Paideia*, n. 16, p. 19-23, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n33/04.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BRITO, Ênio José da Costa; GORGULHO, Gilberto da S. *Religião ano 2000*. São Paulo: Loyola, 1998.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas, 1990.

CAPRA, Frithjot. *A Teia da Vida: uma compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CARITA, Joaquina. *Sapiens: revista de história, património e arqueologia*, Lisboa, n. 2, p. 57-68, 2009. Disponível em: <http://www.revistasapiens.org/Biblioteca/numero2/uma_utopia_em_Filon_de_Alexandria.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2013,.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alais. *Dicionário de Símbolos*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CHIESA, R. C. *O diálogo com o barro: o encontro com o criativo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CHRISTO, Edna Chagas; SILVA, Graça Maria Dias da. *Criatividade em Arteterapia: pintando e desenhando, recortando, colando e dobrando*. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

CORALINA, C. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2001.

DETHLEFSEN, Thorwald; DAHLKE, Rudiger. *A doença como caminho*. 20. ed. Cultrix: São Paulo, 2013.

DINIZ, Lígia Diniz. Arteterapia: rotas de retorno ao sagrado. In: TOMMASI, Sonia Bufarah (Org.). *Pensando a Arteterapia com arte, ciência e espiritualidade*. São Paulo: Vetor, 2012. p. 166-171.

DITTRICH, M. G. O ser humano e a espiritualidade. In: TOMMASI, Sonia Bufarah (Org.). *Pensando a Arteterapia com arte, ciência e espiritualidade*. São Paulo: Vetor, 2012. p. 196-217.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, Gilberto. *Se eu quiser falar com Deus*. Disco: Luar, 1980. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/se-eu-quiser-falar-com-deus.html>>. Acesso em: 8 maio 2013.

GRINBERG, L. P. *Jung: o homem criativo*. São Paulo: FTD, 1997.

JANSON, H. W. *História geral da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

LELOUP, Jean Yves. *Cuidar do ser*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Um convite à caminhada. In: LIMA, Lise Mary A. (Org.). *O espírito na saúde*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 113-117.

LIMA, Lise Mary A. (Org.). *O espírito na saúde*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARTÍNEZ, A. M. *Criatividade, personalidade e educação*. Campinas: Papirus, 1997.

MONTAIGNE, Michel. *Ensaio*. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1972.

MORIN, Edgar. *Amor poesia sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MUSEU de Imagens do Inconsciente. Disponível em:
<<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br>>. Acesso em: 12 maio 2013.

NACHMANOVITCH, S. *Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte*. São Paulo: Summus, 1993.

OLIVEIRA, Sílvio Luiz. *Tratado de Metodologia Científica*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

PHILIPPINI, Ângela. Arteterapia: campos de atuação. PHILIPPINI, Ângela (Org.), *Revista de Arteterapia: Imagens da Transformação*, vol. 15, Rio de Janeiro, Wak, 2012.

_____. *Cartografias da coragem: rotas em arteterapia*. Rio de Janeiro: Pomar, 2001.

PHILIPPINI, Ângela; MEDINA, Antônio Luiz. Arte-Terapia. *Reflexões*, n. 3, v. 2, 1997/9.

PINHEIRO, Gouvêa Álvaro de. *Sol da terra: o uso do barro em psicoterapia*. São Paulo: Summus, 1989.

PUREZA JÚNIOR, Dimas Lopes. A utilização do Material alternativo em Arte Terapia com Portadores de Deficiência Mental de Baixa Renda. *Imagens da Transformação*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, 1997.

REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

_____. Rubem Alves e a Interdisciplinaridade: problematizações e perspectivas a partir de uma leitura de 'Por uma educação romântica'. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 7, p. 1179-1201, 2012.

SAMS, Jamie. *Cartas Xamânicas: a descoberta do poder através da energia dos animais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SILVEIRA, Nise da. *Jung vida e obra*. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. Retrospectiva de um trabalho vivido no Centro Psiquiátrico Pedro II do Rio de Janeiro. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. IX, n. 1, mar. 2006.

TARDAN-MASQUELIER, Ysé. *JUNG, C. G.: a sacralidade da experiência interior*. São Paulo: Paulus, 1994.

TOMMASI, Sonia Bufarah; MINUZZO, Luiza. *Origami em educação e arteterapia*. São Paulo: Paulinas, 2010.

TOMMASI, Sonia Bufarah. Introdução: a transcendência da arte, ciência e espiritualidade. IN: TOMMASI, Sonia Bufarah (Org.). *Pensando a Arteterapia com arte, ciência e espiritualidade*. São Paulo: Vetor, 2012. p. 11-17.

UNIÃO Brasileira das Associações de Arteterapia. Disponível em: <<http://www.ubaat.org>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

WEBSTER. *Merriam Webster's Third New International Dictionary*. Springfield: Merriam-Webster, 1993.

WEIL, Pierre, Sanidade e santidade. In: LIMA, Lise Mary A. (Org.). *O espírito na saúde*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 29-35.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WOSIACK, Raquel Maria Rossi e PARABONI, Josiane. Arteterapia potencializando o desenvolvimento espiritual. In: TOMMASI, Sonia Bufarah (Org.). *Pensando a Arteterapia com arte, ciência e espiritualidade*. São Paulo: Vetor, 2013.